

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE FILOSOFIA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA

BARBARA LEANDRA PORTO MOTA

Análise crítica do Conto da Aia à luz das perspectivas filosóficas de Michel Foucault e
de Judith Butler

UBERLÂNDIA-MG

2024

BARBARA LEANDRA PORTO MOTA

Análise crítica do Conto da Aia à luz das perspectivas filosóficas de Michel Foucault e
de Judith Butler

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de
Graduação em Filosofia do Instituto de Filosofia no Curso de Filosofia
da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito obrigatório para
obtenção do título de licenciatura e bacharel em Filosofia.

Orientadora: Prof^ª. Dra. Fillipa Carneiro Silveira

UBERLÂNDIA-MG

2024

A análise crítica do *Conto da Aia* à luz das perspectivas filosóficas de
Michel Foucault e de Judith Butler

BARBARA LEANDRA PORTO MOTA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Graduação em Filosofia do Instituto de Filosofia no Curso de Filosofia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito obrigatório para obtenção do título de licenciatura e bacharel em Filosofia.

DATA: 22/04/2024

RESULTADO: APROVADA

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dra. Fillipa Carneiro Silveira (orientadora)
Universidade Federal de Uberlândia – Instituto de Filosofia

Prof.^a Dra. Georgia Cristina Amitrano
Universidade Federal de Uberlândia – Instituto de Filosofia

Prof. Dr. Fábio Coelho da Silva
Universidade Federal de Uberlândia – Instituto de Filosofia

Ficha Catalográfica Online do Sistema de Bibliotecas da UFU
com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).

M917 2024	<p>Mota, Barbara Leandra Porto, 1998- Análise crítica do Conto da Aia à luz das perspectivas filosóficas de Michel Foucault e de Judith Butler [recurso eletrônico] / Barbara Leandra Porto Mota. - 2024.</p> <p>Orientador: Fillipa Carneiro Silveira. Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal de Uberlândia, Graduação em Filosofia. Modo de acesso: Internet. Inclui bibliografia.</p> <p>1. Filosofia. I. Silveira, Fillipa Carneiro, 1980-, (Orient.). II. Universidade Federal de Uberlândia. Graduação em Filosofia. III. Título.</p> <p style="text-align: right;">CDU: 1</p>
--------------	---

Bibliotecários responsáveis pela estrutura de acordo com o AACR2:

Gizele Cristine Nunes do Couto - CRB6/2091
Nelson Marcos Ferreira - CRB6/3074

A possibilidade não é um luxo. Ela é tão crucial quanto o pão.

Judith Butler

Agradecimentos

Antes de mais nada, desejo expressar minha sincera gratidão às forças que me guiaram até este momento tão significativo, e aos autores que tanto me inspiraram ao longo dessa jornada. Quero estender meu mais profundo agradecimento a esta instituição que me recebeu com tanto carinho, em especial ao **IFILO**, cuja dedicação, cuidado e esforço incansável desempenharam um papel fundamental em minha trajetória acadêmica. Agradeço imensamente ao **Ciro, Ericksen e a toda a equipe técnica**. Um agradecimento especial é reservado à minha orientadora, **Fillipa Silveira**, que, com paciência e dedicação, me orientou mesmo nos momentos em que me sentia tão perdida quanto o Batman sem o Coringa. Fillipa, seus ensinamentos e apoio foram peças-chave para minha conquista, e sou imensamente grata por tê-la ao meu lado nesta jornada. Expresso minha admiração e gratidão a **Todos** os professores que, de maneira singular, contribuíram para a construção do meu conhecimento. Especialmente, quero mencionar **Georgia Amitrano**, não apenas como uma professora excepcional, mas também como uma amiga valiosa que a vida me concedeu. Georgia, sua persistência e incentivo e amor pela filosofia foram essenciais para o meu crescimento acadêmico e pessoal. Suas lições sobre a filosofia do absurdo foram transformadoras, e desde então, sua presença tem sido uma fonte constante de aprendizado e desenvolvimento. Pai e mãe, estou prestes a me formar... Um sonho que compartilhamos, pois sei que temos trilhado esse caminho, juntos. Desde a minha infância, vocês me incentivaram a estudar, a buscar um futuro mais promissor. Como a dona **Márcia** costuma dizer: "Daqui a alguns anos, até para lavar um vaso será preciso ter estudado." No entanto, lembramos das muitas adversidades que enfrentamos até aqui, não é mesmo? Especialmente você, mãe, que nunca teve a chance de estudar, mas se tornou minha maior apoiadora na busca pela educação. Ao meu querido pai, seu **Sebastião Mota**, que devo tantas vezes a ajuda oferecida, chegando até a sugerir que voltaria a estudar para me auxiliar. Agradeço imensamente por sempre apoiarem meus sonhos e por cuidarem de mim com tanto carinho. Só posso expressar minha gratidão por tê-los como meus pais, pois são os melhores do mundo. Quero dedicar minhas palavras agora aos meus irmãos (**Fafá, Lu, Beto, Mico, Dam, Néia e Tal**), cuja presença foi fundamental nesta jornada repleta de desafios. Juntos, alcançamos esta etapa final e, sem o apoio de vocês, isso não teria sido possível. Aos meus sobrinhos, que são a inspiração por trás da minha jornada, agradeço profundamente. São vocês que me motivam a abrir caminhos e a mostrar que é possível realizar nossos sonhos. Expresso minha gratidão a todos os familiares pelo apoio constante. Gostaria de expressar minha sincera gratidão à minha psicóloga, **Christiane Oliveira**, por sua inestimável ajuda ao me orientar através de todas as

emoções desencadeadas por este percurso. Foram tantas coisas que eu nem sabia se seria possível chegar a esta etapa. Aos meus amigos vou começar desde o início, **Jeniffer (James)** é parabatai. Como eu gostaria de tê-la ao meu lado nesta fase, como eu ansiava por olhar para o lado e sentir sua presença me confortando com qualquer palavra, ou até mesmo tocando violão só para me acalmar. Quero que saiba que os sonhos que compartilhamos no início do ensino médio estão se tornando realidade, e meu maior desejo era poder ligar para você e compartilhar tudo. Agradeço por todo apoio e carinho, te amo eternamente. **Mary** obrigada por sempre se fazer presente! Lá em 2017, **Giovana Zanotto** foi a primeira pessoa a falar comigo dentro da UFU. Gi (Bem), sua presença foi crucial desde o primeiro momento. Sou imensamente grata pela nossa interação, pelas conversas significativas e por tudo que aprendi contigo, inclusive sobre assuntos tão diversos (Maquiavel que o diga). Agradeço pelas noites de descontração e longas conversas, repletas de lanches e risadas, que amenizaram o peso do final de cada semestre. **Bruna Assis**, Recentemente, discutimos sobre como há eventos que parecem verdadeiros milagres em nossas vidas, e você foi o meu próprio milagre. Sinto por você um afeto, um amor e uma admiração tão intensos que é difícil expressar em palavras. Chegar a este ponto dessa jornada e ter tanto a dizer sobre você me emociona profundamente. Juntas, acumulamos memórias preciosas, não é verdade? Bruna, para mim, você representa amor, cuidado e carinho. Platão afirmava que certas coisas são tão sublimes que transcendem nossa capacidade de linguagem, e tudo o que nos resta é tentar, ainda que em vão, nos aproximar de descrever conceitos como o amor e a beleza. Você é exatamente isso, é tanto que me faltam palavras para expressar. **Barbara Raffaele** não sabe ao certo por onde começar a descrever você. Avistá-la pela UFU parecia algo inalcançável, algo que nem nos sonhos mais vívidos eu poderia imaginar estabelecer uma amizade. Você é aquele indivíduo que admiro profundamente e penso: "Quero ser assim", rsrs. Aprendi e continuo aprendendo tanto com você que é difícil colocar em palavras. Agradeço por tudo. **Tainara Justino**, o período mais difícil dessa jornada foi dividido com você. Não há palavras suficientes para expressar minha profunda gratidão. Você foi como um anjo enviado pelo destino, e agradeço imensamente por todo apoio e cuidado. **Natalha Geralda**, como descrever esse ser que apareceu na hora decisiva, nos momentos finais, e conquistou um lugar tão especial? Nat, obrigada por cuidar de mim desde o início. Sua presença nesta fase crucial tornou tudo mais suave. **Mikael Barra**, você é, sem dúvida, uma das pessoas mais incríveis que conheci nesta UFU. Agradeço amigo, pelos abraços, pelo cuidado e pelas palavras de estímulo que me ajudaram a concluir este curso. **Isadora Santos** (ou devo dizer Sofia Jardim?) você é a luz no fim do túnel, essa frase resume perfeitamente

quem você é. Agradeço pelas conversas durante a caminhada para casa, pelos abraços reconfortantes que me fizeram suspirar nos dias turbulentos. **Lucas Caixeta** obrigada por todas as conversas e trocas durante esse processo, você é incrível amigo! Por fim, quero estender meus agradecimentos a todos que contribuíram para este processo, incluindo **Bruno Sunkey, Bruno Novais, Equipe Gastroclinica, Gabriel Carvalho, Geovana Faria, Gleisson José, Jaqueline Ribeiro, Karenina Milosevic, Katheleen Milena, Luiza Anselmo, Lucimar Oliveira, Vanilda, Vitoria Elis, Virginia Alves e Yasmin Santos, Yago Matias** e muitos outros. E, de maneira igualmente significativa, agradeço a mim mesma, por persistir diante de tantos obstáculos.

Índice de ilustração

Figura 1 - Cena em que a comandante leva a Aia para ter relação com o motorista	21
Figura 2 - Cena de punição	24
Figura 3 - A cerimônia	26
Figura 4- Cena com o médico	29
Figura 5 - Representação das cores das roupas	41

Sumário

Resumo.....	10
Résumé.....	11
Introdução.....	13
Capítulo 1: Controle e Resistência: Explorando as Dinâmicas Sociais em <i>O Conto da Aia</i>	16
Capítulo 2: Biopoder e Controle sobre os Corpos na Sociedade Totalitária de Gilead.....	32
Capítulo 3: Identidade de gênero, Performatividade e Resistência em <i>O Conto da Aia</i>	50
Considerações finais	67
Referências.....	69

Resumo

Este trabalho apresenta uma análise crítica do *Conto da Aia* de Margaret Atwood, sob a perspectiva das teorias filosóficas de Michel Foucault e Judith Butler. Ambientado em uma sociedade totalitária distópica chamada Gilead, a história apresenta um cenário opressivo onde normas de poder, controle e identidade são impostas aos cidadãos de maneiras extremas. A análise será realizada em três etapas principais. Primeiramente, será feita a exposição do conto e posteriormente serão explorados os conceitos de *biopoder e controle* sobre os corpos desenvolvidos por Michel Foucault em *História da Sexualidade I: A Vontade de Saber*, na tentativa de compreender como o regime totalitário de Gilead utilizou esses elementos para manter o status e conquistar o indivíduo. Em seguida, serão utilizadas as teorias de Judith Butler conforme o livro *Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade* para examinar as questões de *identidade de gênero*, performatividade e resistência no conto, destacando como os personagens negociam e desafiam as normas de gênero impostas pelo regime patriarcal de Gilead. Por fim, serão integradas as abordagens de Michel Foucault e Judith Butler, destacando as suas convergências e divergências, e explorando como as suas intersecções contribuem para uma compreensão mais profunda das dinâmicas sociais e políticas presentes na história. Ao final deste trabalho, espero não apenas ter fornecido uma análise aprofundada do *Conto da Aia* à luz das teorias de Foucault e Butler, mas também ter fomentado a reflexão crítica sobre nossas próprias estruturas de poder, identidade e resistência.

Palavra-chave: Poder; Saber; Sexualidade; Filosofia; Foucault; Butler; Conto da Aia.

Résumé

Cet ouvrage présente une analyse critique de *The Handmaid's Tale*, de Margaret Atwood, du point de vue des théories philosophiques de Michel Foucault et de Judith Butler. Se déroulant dans une société totalitaire dystopique appelée Gilead, l'histoire présente un scénario d'oppression de manière extrême. L'analyse sera réalisée en trois étapes principales. Dans un premier temps, les concepts de biopouvoir et de contrôle sur le corps développés par Michel Foucault dans *Histoire de la sexualité I: La volonté de savoir* seront explorés, pour tenter de comprendre comment le régime totalitaire de Gilead a utilisé ces éléments pour maintenir son statut et son pouvoir. Ensuite, les théories de Judith Butler seront utilisées selon le livre *Gender Problems: Feminism and Subversion of Identity* pour examiner les questions d'identité de genre, de performativité et de résistance dans la nouvelle, en soulignant comment les personnages négocient et défient les normes de genre. Enfin, les approches de Michel Foucault et de Judith Butler seront intégrées, mettant en évidence leurs convergences et divergences, et explorant comment leurs intersections contribuent à une compréhension plus approfondie des dynamiques sociales et politiques présentes dans l'histoire. À la fin de ce travail, j'espère avoir non seulement fourni une analyse approfondie de *The Handmaid's Tale* à la lumière des théories de Foucault et de Butler, mais aussi avoir favorisé une réflexion critique sur nos propres structures de pouvoir, d'identité et de résistance.

Mots-clés: Pouvoir; Savoir; Sexualité; Philosophie; Foucault; Butler; *The Handmaid's Tale*.

Talvez eu não queira saber de verdade o que está acontecendo. Talvez eu prefira não ter conhecimento. Talvez não possa suportar o conhecimento. A Queda foi uma queda da inocência para o conhecimento. (Atwood, 2017, p. 181).

Introdução

A distopia é um gênero literário que não apenas nos transporta para realidades alternativas, mas também nos confronta com reflexões profundas sobre os sistemas políticos, sociais e morais de nossas próprias sociedades. No seu livro seminal *O Conto da Aia*, Margaret Atwood propôs uma narrativa que, mesmo que ambientada num futuro distante e ficcional, envolve questões contemporâneas de poder, controle e resistência.

Este trabalho será estruturado em três etapas principais. Inicialmente, será realizada uma exposição de como a Atwood nos apresenta essa sociedade, posteriormente será feita uma análise aprofundada das práticas de controle - presentes na sociedade distópica de Gilead, conforme delineadas por Michel Foucault. Esta seção examinará como o regime totalitário emprega o *biopoder* e o *controle* sobre o corpo para manter sua autoridade e subjugar os indivíduos, especialmente as mulheres *Aia*. Em seguida, será dedicada uma seção à análise das normas de gênero e das estratégias de resistência adotadas pelos personagens, especialmente pela protagonista Offred, à luz da teoria de Judith Butler. Serão exploradas as maneiras pelas quais as normas de gênero são impostas e desafiadas na sociedade de Gilead, revelando a performatividade e a contingência das *identidades de gênero*.

Este estudo parte da seguinte indagação: Como a resistência é representada em *O Conto da Aia*? E como podemos interpretá-la à luz das teorias de Foucault e de Butler? Nosso objetivo é explorar as intrincadas relações entre poder, gênero e resistência na sociedade distópica de Gilead, analisando como as teorias de Michel Foucault e Judith Butler informam nossa compreensão da obra e oferecem percepções sobre suas dinâmicas políticas.

Em Gilead, somos confrontados com as rigorosas regulamentações impostas aos corpos das *Aia*, mulheres férteis destinadas a ter filhos, sob um regime totalitário que se baseia em interpretações extremistas do cristianismo para justificar suas práticas opressivas. Por meio de uma análise do enredo, examinaremos como essas práticas se relacionam com a *biopolítica* de Foucault e como impactam as *identidades de gênero*, explorando a teoria da *Performatividade de gênero* de Butler.

Ao delinear o cenário distópico de Gilead e os papéis estritamente definidos das mulheres nesse regime opressivo, estabelecemos as bases para uma análise mais profunda das estratégias de resistência adotadas pelas personagens, especialmente pela protagonista Offred. Mesmo sob condições desumanas, Offred e outras mulheres encontram formas sutis de desafiar a opressão, revelando a verdadeira natureza do poder totalitário.

Michel Foucault, renomado filósofo francês, é reconhecido por suas contribuições teóricas nos estudos sobre poder e controle social. Em sua obra *História da Sexualidade I: A Vontade de Saber*, de 1976, ele desafia concepções tradicionais sobre a repressão sexual, argumentando que a sexualidade não foi suprimida ao longo da história¹, mas sim objeto de intensa lógica por parte das instituições de poder. Utilizaremos suas teorias para examinar como o regime de Gilead opera como uma teia intrincada de controle e dominação, especialmente em relação ao controle dos corpos das mulheres e à regulação da sexualidade.

Judith Butler, filósofa e teórica feminista norte-americana, é conhecida por sua abordagem inovadora em relação ao gênero e identidade. Em *Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade*, de 2003, a autora introduz o conceito de *Performatividade de gênero*, argumentando que o gênero não é inato, mas sim uma série de performances repetidas e internalizadas. Usaremos suas teorias para explorar como as normas de gênero são impostas e resistidas na sociedade de Gilead.

Neste trabalho, examinaremos vários trechos da obra à luz das teorias de Foucault e Butler, destacando como dinâmicas de poder, controle do corpo e performances de gênero estão interligadas na narrativa de Atwood. Procuramos não apenas compreender o regime de Gilead, mas também refletir sobre as lições que podemos tirar deste trabalho distópico em relação às questões de liberdade, justiça e resistência em nossas próprias sociedades contemporâneas.

Ao estabelecermos o contexto, os objetivos e os principais autores que serão explorados neste trabalho, visamos compreender a complexidade das questões abordadas em *O Conto da Aia* e a relevância das teorias de Foucault e Butler para uma análise profunda dessa obra. Ao investigar as dinâmicas de poder, controle dos corpos e resistência presentes na sociedade distópica de Gilead, esperamos fornecer percepções importantes sobre a obra de Atwood e promover uma reflexão crítica sobre as questões de gênero, poder e liberdade em nossas próprias sociedades contemporâneas.

¹ Foucault faz referência ao século XVII no texto. (Foucault, 1976. p.11)

Ser ou estar. Não, não é ser ou não ser, essa já existe, não confundir com a minha que acabei de inventar agora. Originalíssima. Se eu sou, não estou porque para que eu seja é preciso que eu não esteja. Mas não esteja onde? Muito boa a pergunta, não esteja onde. Fora de mim, é lógico. Para que eu seja assim inteira (essencial e essência) é preciso que não esteja em outro lugar senão em mim. Não me desintegro na natureza porque ela me toma e me devolve na íntegra: não há competição, mas identificação dos elementos. Apenas isso. Na cidade me desintegro porque na cidade eu não sou, eu estou: estou competindo e como dentro das regras do jogo (milhares de regras) preciso competir bem, tenho consequentemente de estar bem para competir o melhor possível. Para competir o melhor possível acabo sacrificando o ser (próprio ou alheio, o que vem a dar no mesmo). Ora, se sacrifico o ser para apenas estar, acabo me desintegrando (essencial e essência) até a pulverização total. (Fagundes, 2009. p. 9).

Capítulo 1: Controle e Resistência: Explorando as Dinâmicas Sociais em O Conto da Aia

Primeiramente, é crucial considerar o contexto em que esta narrativa se desenrola: trata-se de uma sociedade distópica em que Gilead substituiu os Estados Unidos da América. Num regime governado pelo extremismo e por uma interpretação distorcida do cristianismo, uma revolução fundamentalista toma o poder e instala um regime totalitário, tudo depois de uma onda devastadora de radiação atingir o país.

Com esse pano de fundo, podemos adentrar na análise do conto de 2017. Nesta sociedade, as mulheres são categorizadas em distintos papéis: as esposas dos comandantes, as *Aias* férteis designadas para reprodução, as “marthas” que servem nas residências, entre outros. A história é conduzida pela protagonista, Offred, uma *Aia* obrigada a servir um comandante e sua esposa. Offred rememora sua vida prévia à ascensão de Gilead, quando tinha um nome próprio, uma família e desfrutava de liberdades. Contudo, com o advento do regime, perdeu todos esses direitos, tornando-se apenas uma ferramenta para a reprodução na família do comandante.

No conto, a sociedade distópica de Gilead estrutura rigidamente o papel das mulheres com base em critérios sociais e reprodutivos. Entre as principais categorias estão as *Aias*, mulheres férteis e saudáveis cuja função é procriar com os comandantes e fornecer descendentes à elite governante, enquanto são vigiados de perto pelas Tias. As Esposas, por sua vez, fazem parte da classe aristocrática, e embora sejam não férteis, gozam de prestígio social que acompanha o personagem, esta é responsável pela supervisão das Servas e pela administração dos lares. As Marthas, mulheres que muitas vezes não conseguem se reproduzir, ficam encarregadas das responsabilidades domésticas nas casas dos comandantes, essas mulheres são responsáveis pela limpeza, cozinha e outras tarefas. Por fim, as Não Mulheres englobam aquelas que não se encaixam em nenhuma das categorias acima, como solteiras, viúvas, lésbicas e outras que não são consideradas “úteis” para o sistema de Gilead. Essa estratificação implacável delinea os destinos das mulheres dentro do regime opressivo, refletindo uma sociedade em que a identidade e o valor das mulheres são estritamente definidos e controlados.

O controle sobre as mulheres em Gilead é rigoroso ao extremo. Sob constante vigilância, elas são privadas de voz e autonomia sobre seus corpos, sujeitas a punições severas ao tentarem desafiar as regras impostas pelo regime. A narrativa expõe os horrores enfrentados pelas mulheres, incluindo estupro institucionalizado, violência e opressão.

Apesar das condições desumanas, algumas mulheres, incluindo Offred, encontram maneiras sutis de resistir, seja por meio de pequenos atos de rebeldia ou por meio de alianças secretas. Offred mantém viva a esperança de escapar desse sistema opressor e reencontrar sua filha, que lhe foi tirada. *O Conto da Aia* emerge como uma poderosa crítica à opressão patriarcal, à perda de liberdade individual e aos perigos do fundamentalismo religioso quando aliado ao poder político. Além disso, é um lembrete da importância da resistência e da luta pela justiça e liberdade, mesmo nas circunstâncias mais sombrias.²

No desenvolvimento deste trabalho, é importante destacar que a obra principal de referência será o livro *O Conto da Aia*, de Margaret Atwood. Este romance distópico oferece uma visão profunda e complexa do mundo de Gilead e das experiências das personagens. No entanto, vale ressaltar que também farei referência à série televisiva *The Handmaid's tale* dirigida por Bruce Miller (2017). A série, inspirada no livro, apresenta uma interpretação visual vívida e envolvente desse universo sombrio. Embora a maior parte da análise se baseie no texto original, utilizarei a série em momentos específicos para enriquecer a discussão e fornecer percepções adicionais sobre certos aspectos da narrativa, como a ambientação, o desenvolvimento visual das personagens e as nuances da trama que foram exploradas de maneira única na adaptação televisiva.

Quando nos envolvemos na série, somos transportados para além das páginas do livro, mergulhando mais profundamente na angústia e na desolação de Gilead. Cada cena é meticulosamente elaborada para não apenas destacar o horror da opressão, mas também para capturar a tênue chama de esperança que persiste nos corações dos oprimidos. Os detalhes minuciosos da produção, desde os trajes até os cenários, nos envolvem completamente em um mundo onde a liberdade é escassa e a resistência é uma prova de coragem extraordinária. Ao testemunhar os desafios enfrentados por Offred e outras personagens, somos confrontados com questões urgentes sobre poder, identidade e moralidade, que transcendem as páginas do livro e ressoam em nosso próprio tempo.

A porta do quarto — não de meu quarto, eu me recuso a dizer meu — não está trancada. Na verdade, ela não se fecha direito. Saiu para o corredor bem encerado, que

²Com base na entrevista concedida por Margaret Atwood ao jornal Folha de São Paulo em setembro de 2021, ela reflete sobre a persistência de padrões cíclicos e opressivos na história, como exemplificado pelo seu estudo da República de Gileade. Ela destaca o desejo humano de ordem, muitas vezes levando à aceitação do autoritarismo, que pode ser observado em alguns regimes históricos e contemporâneos (Revolução Francesa e Nazismo). Por fim, Atwood reflete sobre o papel da escrita como um ato de esperança, reconhecendo que, apesar das complexidades e, por vezes, sombrias, a motivação subjacente à criação literária é a crença no poder transformador das palavras. (Vineyard, 2017).

tem uma passadeira no centro, de um tom rosa-acinzentado. Como uma trilha aberta em meio à floresta, como um tapete para a realeza, mostra-me o caminho. (Atwood, 2017, p. 12).

Na citação acima, são perceptíveis a atmosfera opressiva e a falta de controle que permeia a vida da protagonista. Ao descrever a porta do quarto como não trancada e com problemas de fechamento, Atwood cria uma sensação de vulnerabilidade e de ausência de privacidade, implicando uma vigilância constante e controle. O corredor, com seu tapete rosa-acinzentado, simboliza visualmente a repressão da feminilidade e a opressão sistemática, enquanto a comparação com uma trilha na floresta ou um tapete real ressalta a sensação de ser guiada e controlada em um caminho pré-determinado. Essa imagem evoca a sensação de aprisionamento e falta de autonomia da protagonista, enfatizando os temas de submissão e dominação presentes na narrativa.

Ao analisar o trecho do *O Conto da Aia* à luz dos filósofos, focalizamos inicialmente Michel Foucault. Em sua obra *História da Sexualidade I: A Vontade de Saber*, o autor argumenta que o poder não é apenas coercitivo e repressivo, mas também se manifesta por meio de práticas disciplinares e de vigilância³. No contexto do trecho em questão, a falta de privacidade da protagonista, simbolizada pela porta do quarto que não fecha corretamente, reflete a vigilância constante e a disciplina imposta sobre os corpos das mulheres na sociedade distópica retratada por Atwood. Além disso, a descrição do corredor como uma passadeira rosa-acinzentada, sugerindo uma estética feminina e opressiva, ilustra como as normas sociais moldam e controlam a expressão da sexualidade e da identidade feminina. A sensação de ser guiada e restringida ao mesmo tempo no corredor ressoa com a ideia foucaultiana de que o poder opera de forma sutil e internalizada, moldando os indivíduos para se conformarem às normas sociais estabelecidas. Essa análise demonstra como o trecho do conto de Atwood reflete as ideias de Foucault sobre o *poder*, a *disciplina* e a *sexualidade*, proporcionando uma crítica incisiva às estruturas de poder que regulam e subjetivam os corpos e desejos das mulheres.

Nessa análise à luz do argumento do dispositivo de poder de Michel Foucault, podemos entender ainda mais profundamente como o regime de Gilead opera como uma teia intrincada de controle e dominação. Por meio da imposição de normas e valores específicos, juntamente com a vigilância constante e as punições disciplinares, o poder se insinua em cada aspecto da vida

³Nas páginas 46-47 da *História da sexualidade I: A vontade de saber* Foucault explicita os dispositivos de vigilância como sistemas e ou ferramentas desenvolvidas para monitorar, observar e controlar atividades, comportamentos e ou informações específicas. Tais dispositivos desempenham um papel essencial na transformação do exercício de poder na modernidade, permitindo um controle mais amplo e sofisticado sobre as populações.

das mulheres, moldando não apenas seus comportamentos, mas também suas identidades e subjetividades. Offred, como figura central, personifica a luta contra esse dispositivo de poder, buscando resistir e preservar sua humanidade e sua conexão com sua própria história e identidade. Assim, ao examinarmos a narrativa à luz da teoria de Foucault, somos confrontados não apenas com o controle sistemática das mulheres em Gilead, mas também com sua resiliência e capacidade de resistência em face de um poder tão onipresente e totalizante. Para corroborar o que foi exposto acima, de acordo com o próprio autor:

O poder está em toda parte; não porque englobe tudo e sim porque provém de todos os lugares. E "o" poder, no que tem de permanente, de repetitivo, de inerte, de auto-reprodutor, é apenas efeito de conjunto, esboçado a partir de todas essas mobilidades, encadeamento que se apoia em cada uma delas e, em troca, procura fixá-las. Sem dúvida, devemos ser nominalistas: o poder não é uma instituição e nem uma estrutura, não é uma certa potência de que alguns sejam dotados: é o nome dado a uma situação estratégica complexa numa sociedade determinada. (Foucault, 1976, p.89).

Na passagem, Foucault destaca uma visão do poder como algo difundido por toda a sociedade, ao invés de uma entidade centralizada. Foucault argumenta que o poder não é estático nem fixo, mas sim uma complexa rede de relações e práticas que permeiam todos os aspectos da vida social. Ele desafia a concepção tradicional de poder como algo exercido por uma autoridade centralizada, afirmando que ele surge das interações e práticas sociais cotidianas. Na República de Gilead, onde o conto se passa, o poder não é exercido apenas por uma autoridade centralizada, mas é disseminado em todas as camadas sociais e instituições, desde o governo até as interações mais íntimas entre os personagens. A sociedade retratada por Atwood reflete a ideia de Foucault de que o poder não é estático nem fixo, mas uma rede complexa de relações e práticas que permeiam todos os aspectos da vida social. Assim, tanto *O Conto da Aia* quanto à perspectiva de Foucault desafia a concepção tradicional de poder, destacando sua natureza difusa e suas manifestações nas interações e práticas sociais cotidianas.

Além disso, analisando o trecho do conto à luz da teoria de Judith Butler, conforme apresentado em seu livro *Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade*, podemos destacar a maneira como a narrativa evidencia a *Performatividade de gênero* e a construção social da identidade. Butler argumenta que o gênero não é uma característica inata, mas sim uma série de performances repetidas e internalizadas que produzem a ilusão de uma identidade coerente e estável. No contexto do trecho, a relutância da protagonista em afirmar a posse do quarto como "meu quarto" indica uma desestabilização das noções tradicionais de identidade e propriedade. Além disso, a descrição do corredor como uma passadeira rosa-acinzentada, que sugere estereótipos de feminilidade, destaca como as normas de gênero são

perpetuadas e internalizadas pelos indivíduos. A sensação de ser guiada pelo corredor pode ser vista como uma performance de gênero, na qual a protagonista é constrangida a seguir um caminho predefinido pela sociedade patriarcal. A análise do trecho sob a perspectiva de Butler ressalta a instabilidade e a contingência das *identidades de gênero*, bem como a maneira como essas identidades são moldadas e contestadas por meio de performances cotidianas. De acordo com a autora,

Obviamente, porém, nem toda identificação de gênero baseia-se na implementação bem-sucedida do tabu contra a homossexualidade. Se as predisposições masculina e feminina são resultado da internalização efetiva desse tabu, e se a resposta melancólica à perda do objeto do mesmo sexo é incorporar e, a rigor, tornar-se esse objeto, por via da construção do ideal do eu, então a *identidade de gênero* parece ser, em primeiro lugar, a internalização de uma proibição que se mostra formadora da identidade. Além disso, essa identidade é construída e mantida pela aplicação coerente desse tabu, não só na estilização do corpo segundo categorias sexuais distintas, mas também na produção e na “predisposição” do desejo sexual. (Butler, 2003, p. 91).

No trecho em questão, Judith Butler discute a formação da *identidade de gênero* em relação ao tabu contra a homossexualidade na sociedade. Butler argumenta que a *identidade de gênero* não é simplesmente uma manifestação natural das diferenças biológicas entre os sexos, mas sim um processo complexo moldado pela internalização das normas sociais e tabus culturais. Ela sugere que a *identidade de gênero* é construída por meio da internalização desse tabu, onde indivíduos se identificam com um ideal de “eu” que se conforma às normas de gênero predominantes, muitas vezes reprimindo ou negando desejos considerados “inapropriados”. Butler enfatiza que a *identidade de gênero* é mantida pela coerente aplicação desse tabu, não apenas na expressão física do corpo de acordo com as categorias sexuais convencionais, mas também na regulação do desejo sexual. Isso destaca a influência das normas sociais e culturais na construção e manutenção da *identidade de gênero*, sublinhando sua natureza instável e socialmente construída.

Dando continuidade à análise do conto, é crucial explorar mais profundamente as complexidades da narrativa e suas implicações simbólicas. A obra oferece uma visão penetrante sobre questões sociais e políticas, destacando-se pela sua habilidade de confrontar temas como poder, controle e resistência. Ao examinar a jornada da personagem principal e os ambientes opressivos em que ela está inserida, se torna evidente a sutil interseção entre o pessoal e o político. Além disso, a riqueza da linguagem e a estrutura cuidadosamente construída do conto proporcionam uma experiência de leitura envolvente e provocativa, convidando os leitores a refletirem sobre a natureza da liberdade e da subjugação.

Por vezes fico escutando do lado de fora de portas fechadas, algo que nunca teria feito no tempo de antes. Não escuto por muito tempo, porque não quero ser apanhada fazendo isso. Certa vez, contudo, ouvi Rita dizer para Cora que não se rebaixaria dessa maneira. Ninguém está lhe pedindo que o faça, retrucou Cora. De qualquer maneira, o que você poderia fazer, se acontecesse? Ir para as Colônias, respondeu Rita. Elas têm essa escolha. Com as Não mulheres, e morrer de fome e Deus sabe o que mais? disse Cora. Agora te peguei. Elas estavam descascando ervilhas; mesmo através da porta quase fechada eu podia ouvir o tilintar ligeiro das ervilhas caindo na tigela de metal. Ouvi Rita, um grunhido ou um suspiro, de protesto ou de concordância. De qualquer maneira, elas estão fazendo isso por todos nós, disse Cora, ou pelo menos é o que dizem. Se eu não tivesse ligado as trompas, poderia ter sido eu, digamos, se fosse dez anos mais moça. Afinal, não é assim tão mau. Não é o que se consideraria trabalho pesado. (Atwood, 2017, p.14).

No trecho acima, podemos observar uma reflexão sobre as dinâmicas de poder e resistência dentro da sociedade distópica retratada. A protagonista relata como ela se vê agora escutando atrás de portas fechadas, algo que antes não teria feito, destacando a mudança em sua percepção e comportamento devido ao contexto opressivo em que está inserida. A troca entre Rita e Cora revela as diferentes formas de enfrentamento das mulheres diante da opressão. Rita expressa sua recusa em se submeter passivamente, enquanto Cora a confronta com a falta de alternativas reais. A menção às Colônias como uma possibilidade para as mulheres indesejadas na sociedade sugere uma forma de controle social por meio do medo e da exclusão. A conversa sobre descascar ervilhas enquanto discutem suas escolhas e possibilidades evidencia a banalidade e a normalização da opressão, mostrando como até mesmo tarefas mundanas são impregnadas pela política de gênero e pela hierarquia social. Essa passagem ilustra as estratégias de resistência das mulheres diante de um sistema de controle implacável, bem como as limitações e dilemas enfrentados por elas em suas tentativas de desafiar o status.

— Talvez — diz ela, segurando o cigarro, que não conseguiu acender. — Talvez você devesse tentar de outra maneira. Será que ela quer dizer de quatro? — Que outra maneira? — pergunto. Tenho que me manter séria. — O outro homem — diz ela. — Sabe que não posso — digo, com cuidado para não revelar minha irritação. — É contra a lei. Sabe qual é a penalidade. — Sim — diz ela. Está pronta para isso, pensou em todos os aspectos. — Sei que você não pode oficialmente. Mas se faz. Mulheres fazem-no com frequência. O tempo todo. (Atwood, 2017, p. 191).

Figura 1 - Cena em que a comandante leva a Aia para ter relação com o motorista



Fonte: (The Handmaid 'S Tale, 2017).

Na página 191 do conto podemos observar um trecho, em que duas das personagens, Serena a esposa do comandante e a Offred, têm uma conversa sobre a possibilidade de a narradora engravidar. Neste diálogo entre elas, a esposa do comandante sugere que a *Aia* tente engravidar com outro homem que não seja seu Comandante, pois há dificuldades em conceber. Serena menciona a possibilidade de usar Nick, um homem de confiança, para essa finalidade. A narradora inicialmente hesita devido às consequências legais e pessoais, mas eventualmente concorda, reconhecendo os riscos envolvidos. Durante a conversa, Serena revela que sabe onde está a filha da narradora, oferecendo um retrato como incentivo para que ela coopere. Essa revelação causa um profundo impacto emocional na narradora, que fica perturbada com a ideia de que Serena tinha conhecimento sobre sua filha e não compartilhou essa informação anteriormente. O diálogo entre as duas mulheres revela uma tensão subjacente, com a narradora lutando contra suas emoções enquanto tenta manter a compostura diante das propostas de Serena. A cena termina com Serena entregando um cigarro a Offred e pedindo-lhe para pegar um fósforo na cozinha, sugerindo que elas continuem a conversa em um tom casual, apesar da gravidade das decisões discutidas.

A tensão palpável entre Serena e Offred continua a se intensificar após a revelação surpreendente da esposa do Comandante sobre a localização da filha da narradora. A oferta de Serena para usar Nick como uma alternativa para a concepção, apesar das consequências legais e pessoais, lança a protagonista em um dilema moral e emocional ainda mais profundo. Enquanto a narradora hesita diante das ramificações de tal decisão, é confrontada com a imagem de sua filha, um lembrete doloroso de tudo o que perdeu e das injustiças cruéis do regime em que está inserida. A complexidade psicológica da cena é acentuada pelo contraste entre a casualidade aparente do oferecimento do cigarro por Serena e a gravidade das escolhas que estão sendo discutidas. Nesse momento crucial, Offred se vê em um cruzamento entre a sobrevivência pragmática e a preservação de sua própria integridade moral, enquanto as

dinâmicas de poder e controle continuam a moldar cada interação e decisão em sua vida precária.

Enquanto Offred tenta processar a oferta de Serena e as implicações devastadoras de sua revelação sobre a filha, uma sensação de desamparo e determinação conflitante se instala em sua mente. A pressão para tomar uma decisão rápida e decisiva parece esmagadora, pois ela enfrenta o peso de suas responsabilidades como mãe e a realidade implacável de sua existência sob o regime opressivo da Gilead. Cada respiração é um ato de resistência silenciosa, cada pensamento um campo minado de escolhas impossíveis. Em meio à turbulência emocional, Offred se vê ansiosa por qualquer sinal de esperança e consolo, buscando desesperadamente uma âncora para sua alma dilacerada no mar de incertezas.

— Pode me dar um fósforo? — peço. É surpreendente a maneira como ela faz com que me sinta uma criança pequena suplicante, apenas com seu olhar zangado, sua impassibilidade; como sou importuna e manhosa. — Fósforos? — diz ela. — Para que você quer fósforos? — Ela disse que eu podia pegar um — digo, não querendo admitir que ganhei o cigarro. — Quem disse? — Rita continua a trabalhar nos rabanetes, seu ritmo inalterado. — Não há motivo para você ter fósforos. Queimar a casa inteira. — Pode ir e perguntar a ela se quiser — digo. — Está lá no gramado. Rita revira os olhos para o teto, como se consultando silenciosamente alguma deidade por lá. Então suspira, levanta-se pesadamente e esfrega as mãos com ostentação no avental, para me mostrar como dou trabalho. Vai até o armário sobre a pia, sem nenhuma pressa, localiza seu molho de chaves no bolso, destranca a porta do armário. (Atwood, 2017, p. 192).

No trecho em questão, é possível observar a complexidade das relações de poder e controle que permeiam a sociedade distópica de Gilead. A protagonista solicita um fósforo a Rita, uma das servas da casa onde vive. A maneira como Rita responde e interage com Offred revela a hierarquia e a dinâmica de submissão presentes na casa. Rita exerce uma autoridade implícita sobre Offred, fazendo-a sentir-se pequena e insignificante por meio de sua expressão zangada e sua indiferença. A falta de autonomia de Offred é evidenciada pela necessidade de pedir permissão até mesmo para acender um cigarro. Além disso, a relutância de Rita em fornecer o fósforo e sua atitude de desdém destaca a rigidez das regras impostas pelo regime de Gilead, onde até mesmo pequenos atos de autonomia são desencorajados e controlados. Essa interação entre Offred e Rita ilustra o constante controle e manipulação exercida sobre as mulheres na sociedade distópica, em que cada gesto e cada palavra são cuidadosamente monitorados e limitados.

Além disso, a troca entre Offred e Rita também evidencia a atmosfera de desconfiança e tensão que permeia o ambiente doméstico. O simples pedido de um fósforo desencadeia uma série de interações carregadas de subtexto e insinuações, refletindo a paranoia generalizada e a

necessidade de controle absoluto por parte do regime. Rita, ao relutar em conceder um simples fósforo, reforça não apenas sua autoridade sobre Offred, mas também a imposição de limites rígidos sobre qualquer forma de liberdade pessoal ou iniciativa individual. Por meio dessa interação aparentemente trivial, Margaret Atwood constrói uma imagem vívida da opressão sistêmica que permeia a sociedade de Gilead, onde até mesmo os gestos mais mundanos são sobrecarregados com o peso opressivo do controle social e da conformidade.

À medida que a tarde desliza lentamente para a noite, o ar na casa dos Waterford se torna carregado de uma tensão palpável. Offred, vestida em seu robe vermelho, sente o coração martelando contra o peito enquanto aguarda o início da cerimônia. O silêncio pesado que paira sobre o ambiente é quebrado apenas pelo som distante de passos ecoando pelos corredores, sinalizando a chegada do Comandante. Seus passos são como um eco sombrio da autoridade implacável que governa esta sociedade distópica, em que as mulheres como Offred são reduzidas a meros instrumentos de procriação. Enquanto ela se prepara mentalmente para mais uma noite de um ritualizado e desumanizante contato sexual, as paredes da casa parecem se fechar ao seu redor, aprisionando-a em um ciclo interminável de opressão e subjugação.

Figura 2 - Cena de punição



Fonte: (The Handmaid 'S Tale, 2017).

Uma das formas de coerção às *Aia* é a violência física, como a amputação de membros por desobediência ou tentativa de fuga. Além disso, as *Aia* que não conseguem engravidar ou que se rebelam contra o sistema são enviadas para colônias de trabalho impostas, onde enfrentam condições extremamente adversas e, muitas vezes, acabam morrendo. Outra forma de violência é a tortura psicológica, como a separação de filhos de suas mães, o que é feito para manter as *Aia* obedientes ao sistema opressor. O medo constante de ser punida ou perder seus entes queridos mantém as *Aia* submissas e impotentes diante do regime de Gilead.

Minha saia vermelha é puxada para cima até minha cintura, mas não acima disso. Abaixo dela o Comandante está fodendo. O que ele está fodendo é a parte inferior de

meu corpo. Não digo fazendo amor, porque não é o que ele está fazendo. Copular também seria inadequado porque teria como pressuposto duas pessoas e apenas uma está envolvida. Tampouco estupro descreve o ato: nada está acontecendo aqui que eu não tenha concordado formalmente em fazer. Não havia muita escolha, mas havia alguma, e isso foi o que escolhi. Portanto me mantenho deitada imóvel e imagino o dossel que não vejo acima de minha cabeça. Posso me lembrar do conselho da rainha Vitória para sua filha. Feche os olhos e pense na Inglaterra. Mas isto não é a Inglaterra. Eu gostaria que ele se apressasse. (Atwood, 2017, p. 91).

Nesta passagem, a protagonista, Offred, descreve o momento da "cerimônia" em que é sexualmente subjugada pelo Comandante. A linguagem utilizada é crua e direta, revelando a falta de intimidade e desejo genuíno no ato. Offred enfatiza que não é uma relação consensual no sentido pleno da palavra, pois ela não está participando por vontade própria, mas sim por obrigação e coerção do regime opressivo de Gilead. Ela usa uma linguagem deliberadamente técnica e distante para descrever a atividade sexual, destacando a desumanização do ato e sua desconexão emocional. Offred está consciente de sua falta de poder e escolha na situação, mas resignada à sua condição.

Em meio à opressão sufocante da cerimônia, Offred tenta encontrar algum tipo de escape mental, procurando refúgio em pensamentos distantes e desconexos. Enquanto o Comandante continua sua intrusão impessoal, ela se esforça para bloquear as sensações físicas e emocionais, desejando fortemente que o momento desagradável termine logo. A cada instante, a falta de autonomia e de dignidade são exacerbadas, reforçando a cruel realidade da sua existência como uma mulher subjugada em uma sociedade totalitária. A sensação de desespero e impotência cresce à medida que ela se afunda ainda mais na escuridão claustrofóbica da cerimônia, ansiando pelo alívio momentâneo que apenas o fim da tortura iminente pode oferecer.

Talvez eu esteja louca e isto seja algum novo tipo de terapia. Gostaria que fosse verdade; então eu melhoraria e isto acabaria. Serena Joy agarra minhas mãos como se ela, não eu, é quem estivesse sendo fodida, como se ela o achasse prazeroso ou doloroso, e o Comandante fode, com um ritmo regular de marcha de dois por quatro tempos, sem parar como uma torneira gotejando. Ele está preocupado, como um homem cantarolando para consigo mesmo no chuveiro sem saber que está cantarolando; como um homem que tem outras coisas em sua mente. É como se ele estivesse em algum outro lugar, esperando por si mesmo gozar, tamborilando com os dedos o tempo da mesa enquanto espera. Há uma impaciência em seu ritmo agora. Mas este não é o sonho erótico de todos, duas mulheres ao mesmo tempo? Eles costumavam dizer isso. Excitante, costumavam dizer. O que está acontecendo neste quarto, sob o dossel argênteo de Serena Joy, não é excitante. Não tem nada a ver com paixão ou amor, ou romance ou qualquer daquelas outras noções com as quais costumávamos nos empolgar. Não tem nada a ver com desejo sexual, pelo menos não para mim, e certamente não para Serena. Excitação sexual e orgasmo não são mais considerados necessários; seriam meramente um sintoma de frivolidade, como ligas rendadas ou pintas falsas: distrações supérfluas para os volúveis. Fora de moda. Parece estranho que mulheres outrora gastassem tanto tempo e energia lendo a respeito desse tipo de coisas, pensando nelas, se preocupando com elas, escrevendo a respeito delas. São tão evidentemente recreativas. Isto não é recreação, nem mesmo para o

Comandante. Isto é trabalho sério. O Comandante, também, está cumprindo seu dever. (Atwood, 2017, p. 92).

Offred descreve a cerimônia ritualizada de sexo com o Comandante e a participação de sua esposa, Serena Joy. Offred reflete sobre a natureza desumana e desprovida de prazer do ato sexual que é imposto aos personagens. A descrição detalhada da mecânica do ato, com o Comandante envolvido em seus próprios pensamentos e distrações, contrasta com a falta de paixão e intimidade na interação. A narrativa revela a frieza e a falta de conexão emocional entre os envolvidos, destacando como o sexo é reduzido a um mero dever, desprovido de qualquer significado ou satisfação pessoal. Offred questiona a sociedade distópica de Gilead, para qual o prazer sexual é desencorajado e considerado frívolo, e o sexo é visto apenas como uma obrigação para fins reprodutivos. A passagem ilustra a desumanização das relações sob o regime totalitário e a perda das liberdades individuais, transformando até mesmo os aspectos mais íntimos da vida em uma forma de controle

A reflexão de Offred sobre a cerimônia sexual com o Comandante e a presença de Serena Joy lança luz sobre a cruel realidade da vida sob o regime opressivo de Gilead. Enquanto ela é submetida a um ato desprovido de prazer e intimidade, percebe a participação de Serena Joy como uma espécie de cúmplice na sua própria subjugação. A dinâmica entre os três personagens revela a complexidade das relações de poder e controle na sociedade distópica, em que a intimidade é manipulada em nome da autoridade e da conformidade. Offred reconhece a ausência de desejo genuíno e afeto em sua vida, substituídos por uma obrigação sombria e desumana. A falta de prazer e paixão na cerimônia destaca a frieza e a desumanização das interações humanas sob o regime totalitário, transformando até mesmo os momentos mais íntimos em atos de submissão e opressão.

Figura 3 - A cerimônia



Fonte: (The Handmaid 'S Tale, 2017).

A introspecção de Offred durante a cerimônia revela não apenas a desolação de sua condição, mas também a profunda reflexão sobre o significado da intimidade e do prazer na sociedade distópica de Gilead. Ao descrever o ato sexual como um "trabalho sério" para o Comandante e uma obrigação para ela mesma, ela expõe a desumanização que permeia cada aspecto de suas vidas. Essa visão sombria contrasta com a lembrança nostálgica de um tempo em que o desejo sexual e o amor eram celebrados, destacando o contraste entre o presente distópico e um passado perdido. A narrativa de Offred não apenas desvela a brutalidade do regime, mas também questiona os valores sociais e morais que moldam a experiência humana. A ausência de prazer e afeto na cerimônia não é apenas uma consequência da opressão política, mas também uma reflexão do vazio emocional que permeia uma sociedade na qual o controle e a conformidade são as prioridades máximas. Offred, ao enfrentar a frieza e a desumanização de sua realidade, também nos convida a refletir sobre o significado mais profundo da liberdade, da individualidade e do próprio sentido da vida.

A análise dos trechos fornecidos de *O Conto da Aia* revela uma profunda exploração das complexidades da opressão, do controle e da desumanização em uma sociedade distópica. A partir da voz da protagonista, Offred, somos transportados para um mundo sombrio onde a intimidade é usurpada e transformada em um dever frio e desprovido de prazer. A descrição da cerimônia sexual entre Offred, Comandante e Serena Joy não apenas expõem a crueldade do regime de Gilead, mas também questiona os fundamentos da identidade humana e da liberdade individual. A análise metódica de cada interação revela a sutil interseção entre o político e o pessoal, destacando a maneira como a opressão sistêmica permeia cada aspecto da vida das personagens.

Além disso, a reflexão de Offred sobre a cerimônia sexual também lança luz sobre a natureza transitória e fugaz da liberdade em uma sociedade totalitária. Enquanto ela luta para manter um senso de humanidade e autonomia em meio à desolação de sua existência, suas reflexões nos convidam a contemplar o significado mais profundo da resistência e da esperança. Com a narrativa angustiante de Offred, Atwood nos alerta para os perigos da complacência e da conformidade, destacando a importância de desafiar as estruturas de poder opressivas e reivindicar nossa própria humanidade. Ao mergulharmos nas páginas de *O Conto da Aia*, somos confrontados não apenas com uma visão distópica assustadora, mas também com um lembrete poderoso da resiliência do espírito humano diante das adversidades mais sombrias.

Apesar da filosofia de Foucault ter desempenhado um papel crucial nas análises contemporâneas sobre a sexualidade, é importante considerar que ela apresenta lacunas

significativas, especialmente no que diz respeito às questões de gênero e de opressão. Embora suas obras tenham sido lançadas à luz dos mecanismos de poder e controle que permitem as dinâmicas sexuais, Foucault frequentemente negligenciou a complexidade das experiências das mulheres e as formas específicas de controle que enfrentam. Seu foco nas instituições e práticas sociais muitas vezes obscurece as experiências individuais e as lutas das mulheres dentro desses sistemas. Portanto, embora sua abordagem ofereça percepções valiosas, é fundamental complementar com perspectivas que abordam mais diretamente como interseções de gênero, poder e subjugação.

No entanto, apesar das dificuldades em analisar plenamente por meio da crítica de Foucault *O Conto da Aia*, é importante reconhecer que mesmo as lacunas teóricas podem abrir espaço para reflexões mais amplas e diversas. A complexidade da obra de Atwood, juntamente com as limitações da abordagem foucaultiana, nos desafia a buscar uma compreensão mais holística e inclusiva das questões de gênero, poder e resistência presentes na narrativa. Ao reconhecer as falhas e limitações, iremos também estimular uma ampla gama de discussões e perspectivas que enriquecem nossa compreensão não apenas do romance, mas também das dinâmicas sociais e políticas que ele aborda.

— Eu poderia ajudar você — diz ele. Sussurros. — O quê? — pergunto. — Psiu — diz ele. — Eu poderia ajudar você. Já ajudei outras. — Me ajudar? — pergunto, a voz tão baixa quanto a dele. — Como? — Será que ele sabe de alguma coisa, viu Luke, será que encontrou, será que pode trazer de volta? — Como você acha? — diz ele, ainda mal murmurando as palavras. Será que aquilo é a mão dele, deslizando pela minha perna acima? Ele tirou a luva. — A porta está trancada. Ninguém vai entrar. Nunca saberão que não é dele. Ele levanta o lençol. A parte inferior de seu rosto está coberta pela máscara de gaze branca, regulamentar. Dois olhos castanhos, um nariz, uma cabeça com cabelos castanhos em cima. A mão dele está entre as minhas pernas. — A maioria desses velhos não consegue mais ter uma ereção e ejacular — diz ele. — Ou então são estéreis. Eu quase engasgo de espanto: ele disse uma palavra proibida. Estéril. Isso é uma coisa que não existe mais, um homem estéril não existe, não oficialmente. Existem apenas mulheres que são fecundas e mulheres que são estéreis, essa é a lei. — Muitas mulheres fazem isso — prossegue ele. — Você quer um bebê, não quer? — Sim, quero — respondo. É verdade, e não pergunto por que, porque eu sei. Dá-me filhos, ou senão eu morro. Há mais de um significado para isso. — Você está macia — diz ele. — Está na hora. Hoje ou amanhã resolveria a questão, por que desperdiçar? Levaria apenas um minuto, querida. — Era assim que chamava sua esposa, outrora; talvez ainda chame, mas na verdade é um termo genérico. Todas nós somos queridas. Eu hesito. Ele está se oferecendo para mim, oferecendo seus serviços, com riscos para si mesmo. — Detesto ver as coisas a que submetem vocês — murmura ele. É verdadeira, verdadeira compreensão; mas ao mesmo tempo ele está se regalando, com compreensão e tudo o mais. Seus olhos estão úmidos de compaixão, a mão dele se move em mim, nervosamente e com impaciência. — É perigoso demais — digo. — Não. Não posso. — A penalidade é a morte. Mas eles têm que apanhar você em flagrante no ato, com duas testemunhas. Quais são as probabilidades, estará a sala grampeada, quem está esperando logo ali, do lado de fora da porta? A mão dele para. — Pense no assunto — diz ele. — Vi seu registro de dados clínicos. Você não tem mais muito tempo. Mas a vida é sua. — Obrigada — digo. (Atwood, 2017, p. 62).

Figura 4- Cena com o médico



Fonte: (The Handmaid 'S Tale, 2017).

Neste trecho, somos apresentados a uma cena de grande tensão e ambiguidade moral. A interação entre Offred e o médico revela as complexidades das relações de poder e sobrevivência em uma sociedade distópica. O médico, oferecendo-se para ajudar Offred a conceber um filho, representa a perversidade do sistema de Gilead, onde a reprodução é uma questão de controle estatal. A utilização de termos como "querida" para se dirigir a Offred denota a banalização da intimidade e da individualidade das mulheres, que são tratadas como meros objetos de reprodução. A quebra das normas sociais, ao mencionar a esterilidade masculina, evidencia a hipocrisia do regime, que mantém uma fachada de perfeição reprodutiva. Offred, por sua vez, oscila entre o desejo de conceber um filho e o medo das consequências mortais de sua decisão. A dualidade entre compaixão e manipulação no comportamento do médico ressalta a ambiguidade moral que permeia as relações de poder em Gilead. Este trecho não apenas aprofunda a caracterização das personagens, mas também lança luz sobre as questões de controle, resistência e autonomia que permeiam todo o romance.

O conto de Margaret Atwood apresenta uma narrativa que se entrelaça de forma significativa com o conceito de *biopoder* proposto por Michel Foucault. No contexto da obra, o regime totalitário de Gilead exerce um controle absoluto sobre os corpos e as vidas das mulheres, subjugando-as a um sistema de reprodução forçada e regras estritas que regulam sua sexualidade e identidade. Essa governança disciplinar, baseada na vigilância constante e na imposição de normas rígidas, reflete a noção de *biopoder* como um mecanismo de controle exercido sobre as populações, visando regular não apenas seus comportamentos individuais, mas também sua reprodução e sua própria existência biológica. No mundo de Gilead, o Estado assume o controle sobre os corpos das mulheres, os convertendo em ferramentas de reprodução e sujeição, enquanto impõe um pensamento que visa influenciar e regular suas existências de

acordo com os interesses do poder dominante. Essa análise da dinâmica de poder no conto serve como uma introdução ao conceito de *biopoder* de Foucault, que será explorado em maior profundidade no próximo capítulo, revelando as implicações e desafios que surgem quando o Estado exerce controle sobre os corpos e vidas dos indivíduos.

Podemos observar que o conto apresenta também uma narrativa que pode ser interpretada à luz da teoria da instabilidade da *identidade de gênero* proposta por Judith Butler. Na sociedade distópica de Gilead, as fronteiras entre *identidades de gênero* são rigidamente definidas e estritamente controladas pelo regime totalitário. No entanto, a experiência da protagonista, Offred, e de outras mulheres na história revela uma luta constante contra as imposições normativas de gênero. Offred é forçada a se adaptar às expectativas de feminilidade impostas pelo regime, mas sua narrativa também mostra momentos de resistência e subversão, nos quais ela busca preservar sua própria identidade em meio à opressão. A obra desafia as concepções binárias de gênero ao explorar as nuances e as ambiguidades da identidade feminina em um contexto de repressão patriarcal. A teoria de Butler, que destaca a natureza performativa e instável da *identidade de gênero*, oferece uma lente valiosa para entender as dinâmicas complexas de poder e subjugação presentes no conto. Ao examinar como as personagens negociam e contestam as normas de gênero impostas pelo Estado, *O Conto da Aia* nos convida a questionar as construções sociais que limitam a expressão da identidade e a explorar as possibilidades de resistência e transformação em meio às restrições opressivas.

Em suma neste capítulo, fica claro que o conto de Margaret Atwood oferece uma poderosa lente através da qual podemos explorar conceitos complexos relacionados ao poder, *identidade de gênero* e controle social. O próximo capítulo se aprofundará na análise do *biopoder*, explorando como ele se manifesta no contexto do conto, enquanto o capítulo seguinte examinará mais de perto a teoria da instabilidade de gênero de Butler e sua aplicação à obra. Ao fazê-lo, esperamos lançar luz sobre as complexidades das relações de poder, identidade e resistência presentes na sociedade de Gilead, bem como destacar a relevância contínua desses temas em nosso próprio mundo contemporâneo.

O fato de o mar estar calmo na superfície não significa que algo não esteja acontecendo nas profundezas. (Gaarder, 2012. p.28).

Capítulo 2: Biopoder e Controle sobre os Corpos na Sociedade Totalitária de Gilead

No capítulo anterior, mergulhamos no intrigante mundo distópico de *O Conto da Aia* de Margaret Atwood. A narrativa nos conduz à sociedade totalitária de Gilead, onde as mulheres são subjugadas e suas vidas são ditadas pelo Estado patriarcal com base na doutrina religiosa distorcida do cristianismo. Offred, nossa protagonista, emerge como uma voz singular em meio à opressão, compartilhando suas experiências como uma "Aia", cuja única função é conceber filhos para a elite governante. Neste capítulo inicial, testemunhamos os rituais e normas que regem a vida das mulheres em Gilead, assim como suas lutas internas e os desafios enfrentados em um mundo onde a liberdade individual é severamente restringida.

Entramos agora na teoria do biopoder de Michel Foucault, conforme desenvolvida no primeiro volume da obra *História da Sexualidade*, intitulado *A Vontade de Saber*. Esse trabalho representa um marco significativo nos estudos sobre sexualidade na obra do pensador francês. Publicado em 1976, este livro marca o início de uma análise crítica e profunda sobre a interseção entre poder e sexualidade ao longo da história, o autor faz referência ao século XVII no texto. Foucault desafia as concepções convencionais de sexualidade, examinando como as práticas de poder têm influenciado e regulado os discursos sobre sexo desde a era vitoriana até o século XX. Ele argumenta que o discurso sobre sexualidade não é apenas uma expressão de liberdade ou repressão, mas também uma estratégia de controle social. Ao destacar o papel do poder na formação das identidades sexuais e na normalização dos corpos, Foucault lança luz sobre as complexidades e contradições subjacentes às concepções tradicionais de sexualidade. O volume *A Vontade de Saber* estabelece os fundamentos para os volumes subsequentes da obra, desafiando os leitores a repensar suas próprias percepções sobre o que é considerado normal, anormal ou desviante no contexto da sexualidade.

À luz do contexto apresentado em *O Conto da Aia*, ao analisarmos os mecanismos de controle e disciplina implementados pelo regime de Gilead, exploraremos como um Estado exerce poder sobre os corpos e as vidas das mulheres, especialmente no que diz respeito à reprodução. Investigaremos como o sistema busca regular meticulosamente os processos biológicos e reprodutivos femininos, transformando as mulheres em instrumentos de reprodução e subjugação em prol da manutenção do poder político e social. Ao adentrarmos nas complexidades do biopoder, desvendaremos as implicações dessa forma de controle na sociedade distópica de Atwood, destacando como as noções de vida e morte são manipuladas

pelo regime em sua busca incessante por dominação e perpetuação do sistema patriarcal opressivo.

Para iniciar essa reflexão, cabe recorrer ao fragmento:

Um murmúrio coletivo se eleva de nós. Os crimes de outras são uma linguagem secreta entre nós. Através deles mostramos a nós mesmas de que poderíamos ser capazes, afinal. Esse anúncio não é bem recebido. Mas nunca se perceberia isso pela expressão de tia Lydia, que sorri e pestaneja como se banhada por aplausos. Agora ficamos entregues a nossos próprios recursos, nossas próprias especulações. A primeira, a que elas agora estão levantando da cadeira, com mãos enluvadas de preto em seus antebraços: leitura? Não, isso é punido apenas com a amputação de uma das mãos, na terceira condenação. (Atwood, 2017, p. 155).

O trecho acima descreve a reação das *Aia* diante de um anúncio de punição por um suposto crime, revelando a atmosfera de medo e controle que permeia a sociedade distópica em que vivem. O "murmúrio coletivo" das *Aia* representa uma forma de comunicação não verbal que revela suas angústias e especulações sobre o que seriam capazes de fazer sob o regime opressivo. Enquanto as *Aia* reagem com tensão e preocupação, a figura de autoridade, tia Lydia, mantém uma expressão calma, contrastando com o descontentamento subjacente à situação. A menção à punição pela leitura, com a ameaça de amputação da mão, destaca o controle rígido imposto pelo regime sobre o conhecimento e a liberdade de expressão, enfatizando as consequências terríveis de desafiar suas regras. Essa citação exemplifica a atmosfera de medo, controle e desconfiança que define a sociedade distópica retratada no livro.

O regime de Gilead, retratado em *O Conto da Aia*, é um exemplo marcante de como os conceitos de *biopoder* e controle sobre os corpos, propostos por Michel Foucault, são aplicados para manter e perpetuar o "status quo" em uma sociedade totalitária. Ao examinarmos a instituição das *Aia*, mulheres designadas exclusivamente para gestação e parto, somos confrontados com um claro exemplo de como um Estado exerce poder sobre os corpos das mulheres, transformando-as em meros instrumentos de reprodução para a elite governante. Essa prática evidencia a maneira como o *biopoder* é utilizado para regular minuciosamente os processos biológicos e reprodutivos femininos, subjugando as mulheres e reforçando as estruturas de poder patriarcais.

Além disso, a imposição de normas estritas de comportamento sexual em Gilead ilustram vividamente como o regime busca controlar não apenas os corpos, mas também as vidas íntimas das mulheres. A proibição da leitura e da escrita para as mulheres, juntamente com a categorização em diferentes funções reprodutivas, demonstra a maneira como o Estado busca moldar e disciplinar não apenas os comportamentos individuais, mas também as identidades e subjetividades das mulheres dentro da sociedade distópica. Essas medidas

coercitivas servem como uma ferramenta eficaz para reforçar a dominação patriarcal e manter a ordem social estabelecida.

A título de exemplo, convém citar a questão da oração:

Existem cinco orações diferentes: para a saúde, para a riqueza, para uma morte, para um nascimento, para um pecado. Você escolhe a que quer, digita o número, depois digita o seu próprio número de modo que seja debitada em sua conta, e digita o número de vezes que quer que a oração seja repetida. As máquinas falam enquanto imprimem as orações; se lhe agrada você pode entrar e ouvi-las, as vozes metálicas sem cor repetindo a mesma coisa vez após vez. Depois que as orações são impressas e faladas, o papel se enrola de volta através de outra ranhura e é reciclado, processado para ser reutilizado como papel em branco mais uma vez. (Atwood, 2017, p.156).

A passagem acima descreve um aspecto sombrio e distópico da sociedade retratada na obra, na qual a religião é transformada em um produto comercial e impessoal. O sistema apresentado permite que as pessoas escolham entre diferentes orações, como para saúde, riqueza, morte, nascimento e pecado, por meio de uma máquina, inserindo seu número de identificação e especificando a quantidade de repetições desejadas. As orações são então impressas e faladas em vozes metálicas e sem emoção, com o papel sendo reciclado para ser reutilizado. Essa representação enfatiza a desumanização da fé, onde a espiritualidade é reduzida a uma transação mecânica e vazia, destacando a crítica de Atwood à instrumentalização da religião e à comercialização da espiritualidade em sociedades distópicas.

O uso da religião como uma ferramenta de legitimação do poder em Gilead revela a maneira como as estruturas de controle são sustentadas por meio de uma leitura distorcida. O regime distópico utiliza a manipulação das crenças religiosas para legitimar e fortalecer suas práticas opressivas, retratando-se como os promotores da moralidade e da ordem divina. Essa exploração da religião visa criar um ambiente de submissão e conformidade na população, convencendo-a de que apoiar o regime é um ato moral. Ao mesmo tempo, aqueles que questionam e desafiam as normas estabelecidas são rotulados como hereges ou opositores do Estado, sujeitos a medidas de constrangimento. Considerando o exposto, examinamos como a confissão é abordada dentro do contexto do conto. Ao contemplar a perspectiva teórica de Michel Foucault, encontramos uma abordagem oposta. Para o filósofo, rejeitar a lógica da hegemonia e da repressão em prol de uma política da verdade é uma forma de mecanismo de produção de sujeitos. Ele compreende o poder como uma produção de verdade, divergindo do conceito de ideologia, que sugere um mascaramento. De acordo com o autor,

Não penso tanto, aqui, na multiplicação provável dos discursos "ilícitos", discursos de infração que denominam o sexo cruamente por insulto ou zombaria aos novos pudores; o cerceamento das regras de decência provocou, provavelmente, como contrafeito, uma valorização e uma intensificação do discurso indecente. Mas o

essencial é a multiplicação dos discursos sobre o sexo no próprio campo do exercício do poder: incitação institucional a falar do sexo e a falar dele cada vez mais; obstinação das instâncias do poder a ouvir falar e a fazê-lo falar ele próprio sob a forma da articulação explícita e do detalhe infinitamente acumulado. (Foucault, 1976, p. 21).

Foucault aborda a proliferação dos discursos relacionados ao sexo no contexto do poder. Ele destaca que sua análise não se limita apenas às normas que regem expressões vulgares de sexualidade, mas também abrange uma "nova decência social" que, paradoxalmente, pode intensificar a obscenidade sexual. A questão crucial aqui é que o poder não apenas reprime, mas também fomenta e fortalece o discurso sobre sexualidade. Instituições de poder, como a Igreja ou o Estado, incentivam abertamente a discussão sobre sexo, submetendo-a a uma análise minuciosa. Foucault argumenta que o poder utiliza a sexualidade como um meio de exercício, moldando o pensamento e o comportamento humanos, como parte de sua análise abrangente sobre como o poder opera para controlar o conhecimento e a prática social.

Tendo como referência a perspectiva foucaultiana, o conto se desdobra como uma narrativa que expõe uma dinâmica paradoxal do poder em relação à sexualidade. Este poder não só reprime expressões consideradas vulgares, mas também promove a discussão sobre o tema, moldando assim o pensamento e o comportamento das pessoas. A protagonista encontra-se imersa numa sociedade onde as normas sexuais são rigidamente controladas, mas também abertamente discutidas sob o pretexto de "decência social". Nessa atmosfera ambígua, as instituições de poder, como a Igreja ou o Estado, exercem uma influência significativa na vida das pessoas, moldando não apenas suas ações, mas também suas percepções e entendimentos sobre sexualidade. A protagonista, assim, se vê confrontada não apenas com as expectativas da sociedade em relação à sua conduta sexual, mas também com a complexidade do controle institucional sobre a expressão e a discussão da sexualidade.

No que diz respeito ao ato de confessar⁴, Foucault sustenta que o discurso sobre a sexualidade conduz a um domínio de proteção e exclusão, onde comportamentos não aceitos são rotulados como inadequados. Nesse contexto, o sexo se converte em uma tecnologia que abarca áreas como política, legislação, sistemas educacionais e economia. O autor caracteriza esse processo como a criação de uma 'polícia sexual' que busca controlar de maneira eficaz e pública o discurso sobre a sexualidade.

⁴ Nas páginas 22-23 de *História da sexualidade I: A vontade de saber*, Foucault delinea a essência da confissão e os requisitos para sua plenitude. Ele a percebe como um ato que estimula o diálogo em torno da sexualidade, desencadeando a produção da verdade sobre ela. Detalhando no ato de confessar os aspectos mais sutis, como as posições dos parceiros, suas atitudes, gestos, toques e o momento exato do prazer, isso implica em incorporar em um discurso uma análise minuciosa da própria execução do ato sexual.

Ora, nesse mesmo fim do século XVIII, e por motivos que será preciso determinar, nascia uma tecnologia do sexo inteiramente nova; nova, porque sem ser realmente independente da temática do pecado escapava, basicamente, à instituição eclesiástica. Através da pedagogia, da medicina e da economia, fazia do sexo não somente uma questão leiga, mas negócio de Estado; ainda melhor, uma questão em que, todo o corpo social e quase cada um de seus indivíduos eram convocados a porem-se em vigilância. Nova, também, porque se desenvolvia ao longo de três eixos: o da pedagogia, tendo como objetivo a sexualidade específica da criança; o da medicina, com a fisiologia sexual própria das mulheres como objetivo; e, enfim, o da demografia, com o objetivo da regulação espontânea ou planejada dos nascimentos (Foucault, 1976, p.110).

A citação acima revela a emergência, no final do século XVIII, de uma nova tecnologia do sexo, desvinculada do controle eclesiástico e abrangendo esferas como a pedagogia, medicina e demografia. Esta transformação indica a secularização do discurso sobre o sexo, tornando-o uma questão não apenas de moralidade religiosa, mas também de interesse estatal e social. Por meio dessa nova tecnologia, o sexo se torna objeto de vigilância e regulação, refletindo uma interseção complexa entre poder, conhecimento e sexualidade, em que normas sociais são moldadas e indivíduos são convocados a se submeterem a uma ordem sexual estabelecida.

Além disso, a manipulação das noções de vida e morte, combinada com a vigilância constante sobre os corpos das mulheres e a imposição de papéis estritamente definidos com base em categorias de gênero, revela a profundidade do controle exercido pelo Estado sobre a vida das pessoas em Gilead. O regime utiliza o medo da morte como uma ferramenta para manter a conformidade e reforçar sua autoridade sobre a população. Ao mesmo tempo, controla meticulosamente os processos reprodutivos femininos, transformando as mulheres em instrumentos de reprodução e subjugação em prol da manutenção do poder político e social. Essa manipulação das noções de vida e morte não apenas perpetua o sistema de controle, mas também mina a autonomia e a dignidade das pessoas, reduzindo-as a meros peões em um jogo de poder político.

As práticas de controle e disciplina em Gilead permeiam todos os aspectos da vida das mulheres, ditando não apenas suas ações, mas também suas identidades e autonomia. Além das proibições de leitura e escrita, que servem como instrumentos de manutenção do poder ao restringir o acesso ao conhecimento e à comunicação, as mulheres são categorizadas em funções reprodutivas específicas. A designação das *Aia* para a gestação e parto submete-as a um controle meticuloso, transformando seus corpos em instrumentos de reprodução para a elite governante. Essa estruturação rígida não apenas molda suas experiências individuais, mas também reforça as hierarquias de gênero ao atribuir valores diferentes às mulheres com base em sua capacidade reprodutiva.

Além disso, a vigilância constante imposta pelo regime cria um ambiente de medo e desconfiança, no qual qualquer desvio das normas estabelecidas é severamente punido. As mulheres são submetidas a uma série de restrições que visam regular não apenas sua sexualidade e reprodução, mas também sua liberdade de pensamento e ação. As punições brutais e públicas servem como lembretes constantes da autoridade do Estado e dissuadem qualquer forma de resistência. Dessa forma, as práticas de controle em Gilead não apenas limitam as liberdades individuais, mas também reforçam a dominação patriarcal ao transformar as mulheres em passivos sujeitos, cujos corpos e vidas são governados pelo Estado em busca da perpetuação do status.

Enfim, ao analisarmos como a religião é instrumentalizada como uma ferramenta de legitimação do poder em Gilead, percebemos como as estruturas de controle são sustentadas por meio de uma doutrina que justifica e perpetua as práticas opressivas do regime. A manipulação das noções de vida e morte, combinada com a vigilância constante sobre os corpos das mulheres e a imposição de papéis estritamente definidos com base em categorias de gênero, revela a profundidade do controle exercido pelo Estado sobre a vida das pessoas. Esses elementos evidenciam a aplicação concreta dos conceitos de *biopoder* e *controle* sobre os corpos propostos por Foucault na sociedade totalitária de Gilead, destacando como esses elementos são empregados para manter e perpetuar o “status quo” e a dominação patriarcal.

A análise da teoria do *biopoder* de Michel Foucault em *O Conto da Aia* revela uma sociedade onde o Estado exerce controle absoluto sobre os corpos e as vidas das mulheres, especialmente em relação à reprodução. Em Gilead, o regime patriarcal busca regular minuciosamente cada aspecto do processo reprodutivo feminino, desde a fertilidade até o destino dos filhos concebidos. Isso se manifesta através da instituição das *Aias*, mulheres designadas exclusivamente para gestação e parto, submetidas a um regime de controle e vigilância constante. Apesar de suas contribuições, Foucault deixa uma lacuna significativa ao não explorar detalhadamente questões específicas relacionadas às mulheres e à reprodução. Sua análise se limita à histeria e não se aprofunda em outros aspectos fundamentais.

Explorando o *biopoder* em *O Conto da Aia*, confrontamo-nos com questões profundas sobre a autonomia individual e o controle estatal sobre a vida e a morte. O Estado em Gilead não apenas busca regular a reprodução das mulheres, mas também exerce influência sobre sua saúde, bem-estar e identidade pessoal. Isso se reflete na imposição de normas de conduta estritas, na vigilância constante sobre os corpos das mulheres e na manipulação de sua fertilidade como um recurso político. Essa análise crítica nos leva a refletir sobre os limites do

poder estatal, medical e as implicações éticas de uma sociedade que busca controlar até mesmo os aspectos mais íntimos e biológicos da existência humana, destacando a necessidade de resistência e luta pela liberdade individual diante do controle sistêmico.

Ao pensar a teoria foucaultiana dentro da análise do conto, a relação entre saber e poder é profundamente explorada, especialmente por meio da instituição da confissão. Essa dinâmica se torna ainda mais evidente ao observarmos a sociedade distópica retratada no livro, baseada no fundamentalismo religioso e no controle totalitário, que utiliza o conhecimento como uma ferramenta de controle. Sob o regime teocrático de Gilead, o poder detido pela elite governante é mantido e reforçado com a manipulação da informação e da imposição de um sistema de confiança estreito. A confissão, conforme delineada por Foucault, é uma técnica de poder empregada para submeter os indivíduos ao controle e à vigilância constante. Os habitantes de Gilead são obrigados a confessar seus pensamentos mais íntimos e a aderir às doutrinas do Estado, resultando em uma onde o conhecimento é monopolizado pela classe dominante e utilizado como uma arma para subjugar aqueles que estão abaixo na posição social.

O conceito de *biopoder*, criado por Michel Foucault, refere-se ao poder exercido pelos Estados e instituições sobre os corpos e as vidas dos indivíduos em uma sociedade. Em vez de concentrar-se apenas no poder disciplinar que opera em níveis individuais, o *biopoder* estende-se além, preocupando-se com a gestão e regulamentação dos processos biológicos, populacionais e reprodutivos. Esse tipo de poder se manifesta em políticas públicas, dispositivos de vigilância, controle sanitário, entre outros mecanismos, visando não apenas controlar os comportamentos individuais, mas também regular a saúde, a reprodução e a vida em sociedade como um todo.

O *biopoder* é caracterizado por sua preocupação com a vida em massa, buscando maximizar a vida útil da população, promover a saúde pública e controlar os processos reprodutivos. Essa forma de poder não apenas governa os corpos individuais, mas também influencia as estruturas sociais e políticas, moldando as condições de vida e as possibilidades de existência. Ao mesmo tempo, o *biopoder* pode ser utilizado para a preservação do “status quo” e a perpetuação de sistemas de dominação existentes.

Em *História da Sexualidade, Volume I: A Vontade de Saber*, Michel Foucault revisita o conceito de *biopoder*, embora de forma mais tangencial em relação às suas obras anteriores. Neste livro, o autor concentra-se na relação entre poder e saber, particularmente no que diz respeito à sexualidade e à forma como ela é controlada e regulada na sociedade ocidental

moderna. Ele argumenta que, ao longo da história⁵, houve uma mudança significativa na forma como o poder se manifesta em relação à sexualidade, passando de uma repressão aberta para uma incitação à expressão sexual, mas sempre dentro de certos limites e normas estabelecidas.

Na perspectiva de *A Vontade de Saber*, o *biopoder* é visto como uma ferramenta através da qual as instituições sociais, como a medicina, a psiquiatria e, até mesmo, os discursos morais e religiosos, buscam controlar e normalizar a sexualidade das pessoas. Foucault argumenta que, ao longo do tempo, o sexo deixou de ser apenas uma questão de pecado ou repressão, para se tornar um campo de saber e controle social. O *biopoder atua* nesse contexto, não apenas regulando a reprodução e os corpos, mas também moldando as próprias identidades e subjetividades dos indivíduos. Assim, em *A Vontade de Saber*, Foucault explora como o *biopoder* se manifesta na gestão dos discursos sobre sexualidade, criando normas e categorias que definem o que é considerado "normal" e "desviante", e como essas normas são internalizadas e perpetuadas pelos próprios indivíduos.

Dentro do universo do conto, a medicina e a psiquiatria assumem papéis importantes, especialmente quando vistos à luz das análises de Foucault. Na sociedade distópica de Gilead, a medicina e a psiquiatria são instrumentos de controle social e poder. O regime utiliza disciplinas para impor normas e reprimir qualquer desvio do comportamento aceitável. Paralelamente às ideias de Foucault sobre a medicalização do poder, vemos como a ciência é cooptada pelo Estado para implementar suas políticas opressivas. A psiquiatria é empregada como uma forma de classificação e controle dos cidadãos, com dissidentes sendo rotulados como pacientes mentais e submetidos a tratamentos de reabilitação coercitivos. Essa dinâmica revela como o conhecimento médico é utilizado como uma ferramenta de dominação, consolidando o poder da elite governante sobre a população. Assim, em relação ao contexto do conto, a medicina e a psiquiatria representam formas sutis, porém poderosas, de exercício de controle e repressão, conforme delineado pela análise foucaultiana das instituições disciplinares.

Um exemplo claro no conto que ilustra a relação entre medicina, psiquiatria e poder, conforme discutido por Foucault, é o uso da medicina para controlar a fertilidade das mulheres em Gilead. No universo distópico do livro, as *Aias* são mulheres férteis designadas para procriar com os Comandantes, em um esforço para repovoar a nação. Esse controle sobre a reprodução é justificado pela medicina e pela ciência, que são distorcidas pelo regime para servirem aos seus próprios interesses políticos e. As *Aias* são submetidas a exames médicos regulares,

⁵ Foucault faz referência ao século XVII no texto. (Foucault, 1976. p. 11)

procedimentos ginecológicos invasivos e tratamentos hormonais, todos realizados sob a justificativa de proteger a saúde das mulheres e garantir o sucesso das gestações. No entanto, essa medicalização da reprodução é, na verdade, uma forma de controle totalitário sobre os corpos das mulheres, reforçando o poder do Estado sobre suas vidas e decisões reprodutivas. Essa dinâmica exemplifica como a medicina e a ciência são utilizadas como instrumentos de controle, conforme analisado por Foucault em suas obras sobre o poder disciplinar e biopolítico.

O filósofo introduz o conceito de *biopoder* como parte de sua análise sobre as tecnologias de poder que operam na sociedade moderna, especialmente no que diz respeito à gestão da sexualidade. Foucault argumenta que o *biopoder* não é apenas uma forma de controle repressivo, mas também uma técnica de incitação e produção de discursos sobre a sexualidade. Ele destaca como as instituições sociais, como a medicina, a psiquiatria, a educação e até mesmo os discursos morais e religiosos, exercem um poder disciplinar sobre os corpos e as identidades dos indivíduos, moldando suas práticas sexuais e suas concepções de si mesmos.

Além disso, Foucault investiga como o *biopoder* manifesta-se na produção de discursos sobre a sexualidade infantil, a maternidade, a família e outras instituições sociais relacionadas à reprodução e à sexualidade. Ele demonstra como o *biopoder* não apenas governa os corpos individuais, mas também influencia as estruturas sociais e políticas, moldando as relações de poder e as formas de subjetivação na sociedade contemporânea. Assim, em *A Vontade de Saber*, Foucault oferece uma análise profunda sobre como o *biopoder* opera na gestão da sexualidade e na produção de discursos sobre o corpo e a identidade na era moderna.

As disciplinas do corpo e as regulações da população constituem os dois polos em tomo dos quais se desenvolveu a organização do poder sobre a vida. A instalação — durante a época clássica, desta grande tecnologia de duas faces — anatômica e biológica, individualizante e especificam-te, voltada para os desempenhos do corpo e encarando os processos da vida — caracteriza um poder cuja função mais elevada já não é mais matar, mas investir sobre a vida, de cima a baixo. (Foucault, 1976, p.131).

Na passagem acima, Foucault argumenta que o exercício do poder na sociedade se desdobra em duas dimensões fundamentais: as disciplinas do corpo e as regulações da população. Enquanto as disciplinas do corpo se referem às práticas institucionais e sociais que moldam e controlam os corpos individuais, as regulações da população englobam políticas e medidas que visam gerenciar a sociedade como um todo. Essa "tecnologia de poder" se manifesta por meio de mecanismos anatômicos e biológicos, focalizando nos corpos e processos vitais. Foucault destaca que, ao longo da história, o poder passou de uma função de punição e repressão para um investimento na vida, buscando controlá-la de maneira mais sutil e eficaz, não apenas visando a morte, mas a gestão e a moldagem da vida em sociedade.

A “tecnologia de poder” conforme delineada por Foucault, engloba estratégias, práticas e instituições que operam de maneira discreta e eficaz para exercer controle sobre os indivíduos e a população em geral. Essa tecnologia se manifesta por meio das disciplinas do corpo e das regulações da população, trabalhando em conjunto para normalizar, disciplinar e regular comportamentos individuais e coletivos. Por meio de instituições como escolas, hospitais, sistemas de saúde pública e políticas governamentais, essa "tecnologia de poder" influencia sutilmente os sujeitos, moldando as relações de poder dentro da sociedade. Em vez de recorrer a métodos explícitos de coerção, opera a partir da internalização de normas e padrões de comportamento, bem como da gestão dos fluxos populacionais e dos processos vitais, tornando-se uma ferramenta fundamental para a governança e o controle social nas sociedades modernas.

Na perspectiva do conto, o regime distópico de Gilead é caracterizado por uma rede intrincada de mecanismos de controle e disciplina que permeiam todos os aspectos da vida das mulheres. Desde a imposição de papéis estritamente definidos com base em categorias de gênero até a vigilância constante e a punição severa por qualquer desvio das normas estabelecidas, o regime exerce um controle totalitário sobre a população, especialmente sobre as mulheres. Os corpos das mulheres são transformados em campos de batalha políticos, sujeitos a uma série de restrições que visam regular não apenas sua sexualidade e reprodução, mas também sua autonomia e liberdade pessoal. Além disso, utiliza a religião como uma ferramenta de legitimação do poder, criando uma convicção que justifica e perpetua as práticas opressivas, tornando ainda mais difícil para as mulheres resistirem e escaparem do sistema.

Além disso, a análise do conto à luz da noção de *dispositivo de poder* de Foucault nos permite entender como o Estado em Gilead busca consolidar seu controle não apenas por meio da imposição de normas e regulamentações, mas também por meio da internalização dessas normas pelos próprios sujeitos. As mulheres em Gilead são constantemente vigiadas e disciplinadas, não apenas pelas autoridades, mas também umas pelas outras, criando uma rede de controle social que reforça as estruturas de poder estabelecidas. Nesse contexto, a resistência individual torna-se um ato de grande coragem e desafio ao sistema, evidenciando a luta constante entre o poder estatal e a liberdade individual. Assim, ao examinar o conto sob a lente do *biopoder*, somos confrontados com questões profundas sobre autonomia, resistência e o potencial de transformação em face do controle sistemática.

[...] Há vários guarda-chuvas nele: um preto para o Comandante, um azul para a Esposa do Comandante, e um que me é destinado, que é vermelho. [...] Ela está com seu vestido habitual de Martha, que é verde desbotado como um traje cirúrgico dos tempos anteriores.[...] (Atwood, 2017, p. 13).

Figura 5 - Representação das cores das roupas



Fonte: (The Handmaid 'S Tale, 2017).

O trecho destacado do conto descreve a presença de diferentes guarda-chuvas vinculados a vestimentas (código), cada um associado a um membro específico da hierarquia social da República de Gilead, simboliza a estratificação e o controle rígido dentro da sociedade distópica retratada na obra. O guarda-chuva vermelho designado para Offred representa sua posição como *Aia*, uma mulher fértil subjugada e controlada pelo Estado para procriação. Além disso, a descrição do vestido verde desbotado da Martha, que lembra um traje cirúrgico, sugere a natureza utilitária e uniformizada das vestimentas sob o regime opressivo de Gilead. Esses detalhes visuais evidenciam não apenas a divisão estrita entre as classes sociais, mas também a perda de individualidade e autonomia das mulheres dentro desse sistema totalitário.

Uma outra consequência deste desenvolvimento do bio-poder é a importância crescente assumida pela atuação da norma, a expensas do sistema jurídico da lei. A lei não pode deixar de ser armada e sua arma por excelência é a morte; aos que a transgridem, ela responde, pelo menos como último recurso, com esta ameaça absoluta. A lei sempre se refere ao gládio. Mas um poder que tem a tarefa de se encarregar da vida terá necessidade de mecanismos contínuos, reguladores e corretivos. Já não se trata de pôr a morte em ação no campo da soberania, mas de distribuir os vivos em um domínio de valor e utilidade. Um poder dessa natureza tem de qualificar, medir, avaliar, hierarquizar, mais do que se manifestar em seu fausto mortífero; não tem que traçar a linha que separa os súditos obedientes dos inimigos do soberano, opera distribuições em torno da norma. (FOUCAULT, 1976, p.156).

A citação acima explora a transição do poder soberano para o *biopoder* ao longo da história. Foucault argumenta que, com o desenvolvimento do *biopoder*, o foco do poder muda de simplesmente punir a ameaça de morte para a administração e controle da vida em sua totalidade. Nesse novo paradigma, o poder não se manifesta primariamente por meio da aplicação da lei e da ameaça de morte, mas sim através de mecanismos contínuos, reguladores e corretivos que buscam normalizar e disciplinar os indivíduos de acordo com normas e valores socialmente determinados.

Essa mudança implica uma transformação nas práticas de governo e controle social, sendo que a ênfase recai na qualificação, medição, avaliação e hierarquização dos sujeitos em torno das normas estabelecidas. Assim, o poder contemporâneo opera mais através da

distribuição e regulação das vidas dos indivíduos do que por meio do exercício direto da soberania e da aplicação da lei. Nesse sentido, a norma torna-se o principal mecanismo de controle, substituindo o sistema jurídico baseado na lei e na ameaça de morte como forma de governar e disciplinar a população.

Os mecanismos de controle e disciplina em Gilead incluem a imposição de vestimentas específicas que sinalizam a posição social das mulheres, a proibição da leitura e da escrita para elas, e a separação em diferentes categorias com base em sua função reprodutiva. Além disso, a vigilância constante, física e psicológica, garante a conformidade com as regras e reprime qualquer forma de resistência. As punições para aqueles que desafiam o regime são brutais e públicas, servindo como um lembrete constante do poder autoritário. Em última análise, revela-se como o regime busca não apenas controlar os corpos das mulheres, mas também subjugar suas mentes e suas almas, transformando-as em instrumentos de reprodução e subjugação em prol da manutenção do poder político e social.

No cenário de *O Conto da Aia*, o regime de Gilead é meticulosamente construído sobre uma estrutura de controle e disciplina que permeia todos os aspectos da vida das mulheres. Uma das principais ferramentas é a instrumentalização da religião como uma justificativa e uma ferramenta de legitimação do poder, criando uma interpretação distorcida das escrituras sagradas “Bíblia” para impor uma ordem social patriarcal e fundamentalista. Além disso, emprega medidas para monitorar e restringir as atividades das mulheres, incluindo a proibição da leitura e da escrita e a categorização em diferentes funções reprodutivas. A vigilância constante é outra ferramenta crucial, criando um ambiente de medo e desconfiança. No cerne está a manipulação dos corpos e vidas das mulheres, buscando regular não apenas a reprodução, mas todas as facetas da sexualidade e identidade, transformando-as em instrumentos de reprodução e subjugação.

O sistema de Gilead é projetado meticulosamente para regular e controlar os processos biológicos e reprodutivos das mulheres como parte essencial de sua estrutura de dominação. Uma das maneiras é se dá por meio da imposição de um sistema rígido de reprodução institucionalizada, no qual são categorizadas com base em sua capacidade reprodutiva. As *Aias* são designadas para servir como portadoras de filhos para as famílias da elite. Além disso, emprega medidas coercitivas para garantir o controle, incluindo restrições sobre a vida sexual e o acesso a contraceptivos. Essas práticas reforçam a subjugação e servem como uma ferramenta de controle social. A investigação revela um sistema cruel para manter o poder político e social, transformando as mulheres em instrumentos de reprodução e subjugação.

Há tempo de sobra. Esta é uma das coisas para as quais não estava preparada — a quantidade de tempo não preenchido, o longo parêntese de nada. Tempo como som de ruído fora de sintonia. Se ao menos eu pudesse bordar. Tecer, tricotar, alguma coisa para fazer com as mãos. Quero um cigarro. Lembro-me de andar por galerias de arte, em meio a obras do século XIX: a obsessão que eles tinham por haréns. Dúzias de pinturas de haréns, mulheres gordas deitadas à toa em divãs, com turbantes na cabeça ou barretes de veludo, sendo abanadas com rabos de penas de pavão, um eunuco ao fundo montando guarda. Estudos de carne sedentária pintados por homens que nunca tinham estado lá. Aquelas pinturas deveriam ser eróticas e eu achava que eram, na época; mas vejo agora o que realmente retratavam. Eram pinturas que retratavam animação suspensa, retratavam espera, retratavam objetos que não estavam em uso. Eram pinturas que retratavam o tédio. (Atwood, 2017, p. 62).

Na citação acima, revela a profunda sensação de tédio e desespero enfrentada pela Offred, em uma sociedade totalitária e opressiva. O trecho ilustra como o excesso de tempo não preenchido se torna uma carga insuportável para Offred, destacando sua incapacidade de encontrar significado ou propósito em uma existência controlada pelo Estado. Ao evocar imagens de pinturas de haréns do século XIX, a narradora reconhece a semelhança entre essas representações artísticas de mulheres ociosas e sua própria experiência de espera e inatividade forçada. Essa comparação revela a percepção da protagonista de que sua vida é reduzida a uma mera existência suspensa, desprovida de saber, liberdade, desejo e significado.

Esta passagem do conto também pode ser relacionada ao conceito de *biopoder* de Michel Foucault, que descreve o poder exercido pelos Estados sobre os corpos e vidas dos cidadãos. No trecho, a personagem principal, Offred, está sujeita a um sistema totalitário que exerce controle absoluto sobre sua vida, incluindo seu tempo e atividades. A sensação de vazio e tédio que ela experimenta reflete não apenas a privação de liberdade pessoal, mas também a manipulação de seu tempo e energia pelo Estado. Essa forma de controle se encaixa no conceito de *biopoder* de Foucault, que destaca como as instituições governamentais regulam não apenas os corpos individuais, mas também as atividades cotidianas das pessoas, moldando assim suas experiências de vida e subjetividade. Ao não ter controle sobre seu próprio tempo e estar confinada a uma existência monótona e vazia, Offred exemplifica os efeitos do *biopoder* na vida das pessoas dentro de sistemas autoritários.

O regime de Gilead utiliza manipulações das noções de vida e morte como uma estratégia para reforçar seu poder e subjugar a população. A ameaça da morte é usada para intimidar e punir qualquer forma de resistência. Por outro lado, controla os processos reprodutivos, transformando as mulheres em instrumentos de reprodução para a elite. A manipulação da reprodução não apenas garante a continuidade do regime, mas reforça as estruturas patriarcais, colocando as mulheres em uma posição de subjugação. Essas

manipulações revelam a crueldade do regime e destacam a importância da resistência às opressões.

Descobrimos como o Estado de Gilead exerce controle absoluto sobre os corpos e vidas das mulheres, transformando-as em meros instrumentos de reprodução e subjugação em prol da manutenção do poder político e social. Ao explorarmos as disciplinas do corpo e as regulações da população dentro dessa sociedade totalitária, percebemos como a manipulação das noções de vida e morte é utilizada como uma estratégia de reforço do controle estatal e da submissão da população. Em Gilead, cada aspecto da existência das mulheres é meticulosamente regulado e controlado, desde sua sexualidade até sua reprodução, em uma tentativa de manter as estruturas patriarcais e de subjugar qualquer forma de resistência.

Em Gilead, o regime patriarcal busca regular minuciosamente cada aspecto do processo reprodutivo feminino, desde a fertilidade até o destino dos filhos concebidos. Isso se manifesta através da instituição das *Aias*, mulheres designadas exclusivamente para gestação e parto, submetidas a um regime de controle e vigilância constante. Além disso, são impostas normas estritas de comportamento sexual, restringindo a autonomia das mulheres e reforçando o sistema de pensamento patriarcal do Estado.

Ao explorarmos o *biopoder* em *O Conto da Aia*, confrontamo-nos com questões profundas sobre a autonomia individual e o controle estatal sobre a vida e a morte. O Estado em Gilead não apenas busca regular a reprodução das mulheres, mas também exerce influência sobre sua saúde, bem-estar e identidade pessoal. Isso se reflete na imposição de normas de conduta estritas, na vigilância constante sobre os corpos das mulheres e na manipulação de sua fertilidade como um recurso político. Essa análise crítica nos leva a refletir sobre os limites do poder estatal e as implicações éticas de uma sociedade que busca controlar até mesmo os aspectos mais íntimos e biológicos da existência humana, destacando a necessidade de resistência e luta pela liberdade individual diante do controle sistêmico.

Além disso, o controle sobre os processos reprodutivos das mulheres em Gilead não apenas garante a continuidade do regime, mas também reforça as estruturas patriarcais dentro da sociedade. Ao transformar as mulheres em meros instrumentos de reprodução para a elite governante, o Estado subjuga sua autonomia e liberdade pessoal, relegando-as a papéis estritamente definidos com base em sua capacidade reprodutiva. Essa instrumentalização da reprodução não apenas perpetua a dominação masculina, mas também cria um ciclo de subjugação que se estende por gerações, tornando ainda mais difícil para as mulheres resistirem e escaparem do sistema opressivo em que estão inseridas.

Diante dessa realidade sombria, somos confrontados com questões profundas sobre autonomia, resistência e o preço da liberdade individual diante do controle sistemática. É importante notar que esta interpretação não é articulada por Foucault, mas sim uma reflexão que emerge da análise do próprio conto. À medida que avançamos em nossa jornada através desta distopia, continuaremos a desvendar os enigmas deste mundo controlado e a explorar as possibilidades de resistência e transformação que ainda persistem nas sombras da tirania.

No estágio deste capítulo, torna-se evidente a extensão do controle exercido pelo regime de Gilead sobre as mulheres, conforme examinamos à luz da teoria do *biopoder* de Michel Foucault. Ao investigarmos as formas complexas pelas quais o Estado manipula os corpos e as vidas das mulheres, desde a imposição de papéis reprodutivos até a vigilância constante de suas atividades, somos confrontados com a terrível realidade de uma sociedade totalitária onde a liberdade individual é severamente limitada.

No universo distópico de *O Conto da Aia*, o conceito de *biopoder*, conforme delineado por Foucault, manifesta-se de maneira marcante. A sociedade de Gilead, retratada na obra, utiliza instrumentos de poder que não se limitam apenas ao controle político, mas estendem-se de forma abrangente sobre os corpos e as vidas dos indivíduos. Esse *biopoder* é evidente na forma como o regime governante busca regular não apenas as ações dos cidadãos, mas também seus próprios corpos, inserindo-se nas esferas mais íntimas da existência humana.

Os corpos das mulheres, em particular, emergem como território central desse exercício de poder *biopolítico*. Em Gilead, a reprodução é rigidamente controlada e ritualizada, com as mulheres férteis sendo reduzidas a meros instrumentos de procriação. Essa instrumentalização dos corpos femininos exemplifica a forma como o *biopoder* opera, transformando a capacidade reprodutiva das mulheres em um recurso político e socialmente controlado. Por meio da institucionalização da maternidade como dever cívico, Gilead exerce controle sobre a própria vida e morte, regulando quem pode ou não contribuir para a perpetuação da sociedade.

Além disso, o *biopoder* se manifesta na medicalização extrema da reprodução, na qual o controle sobre os corpos femininos é exercido não apenas por meio de normas sociais e políticas, mas também por intervenções médicas coercitivas. As *Aias* são submetidas a uma série de procedimentos invasivos, desumanizando-as e transformando-as em meros recipientes para a gestação. Nesse sentido, a medicalização da reprodução serve como uma ferramenta de controle *biopolítica*, reforçando a submissão das mulheres à autoridade estatal e à sua agenda de perpetuação do poder.

Portanto, ao analisar *O Conto da Aia* à luz da teoria de *biopoder* de Foucault, torna-se evidente como a obra revela as complexidades e as implicações do controle sobre os corpos e das práticas de governo que visam regulamentar não apenas as ações, mas também as próprias vidas dos indivíduos. Através dessa lente teórica, somos levados a questionar não apenas as dinâmicas de poder dentro do contexto fictício de Gilead, mas também a refletir sobre as formas pelas quais o *biopoder* opera em nossa própria sociedade contemporânea.

À medida que concluímos este capítulo, somos desafiados a ponderar não apenas sobre as evidentes injustiças representadas em *O Conto da Aia*, mas também sobre as implicações mais amplas das questões em nossa própria sociedade. Uma análise da distopia de Atwood à luz da teoria do *biopoder* nos incita a considerar como os sistemas de poder operam em nossas vidas cotidianas, influenciando não apenas nossos corpos e identidades, mas também as estruturas sociais e políticas que nos rodeiam. Ao fecharmos este capítulo de exploração do cenário distópico de *O Conto da Aia* sob a perspectiva da teoria do *biopoder* de Michel Foucault, somos confrontados com a brutalidade e a profundidade do controle exercido pelo regime de Gilead sobre as mulheres. Ao examinarmos a forma meticulosa como o Estado procura regular e dominar não apenas os corpos, mas também as mentes e as vidas das pessoas, somos levados a refletir sobre as sombras da tirania que pairam sobre sociedades onde a liberdade individual é sacrificada em prol da manutenção do poder político e social.

Enquanto Foucault oferece uma análise fundamental sobre os mecanismos de controle e disciplina presentes nas estruturas sociais, Judith Butler amplia essa discussão ao enfatizar a *Performatividade de gênero* e como as identidades são construídas e desafiadas por meio de práticas cotidianas. Para Butler, a autonomia e a liberdade individual não surgem apenas da resistência às estruturas diretas de poder, mas também da capacidade de desconstruir e reconfigurar as normas de gênero que as sustentam. Assim, ao enfrentar a pressão sistêmica, a perspectiva de Butler adiciona uma dimensão de agência e potencial transformador, ressaltando a importância da subversão das normas dominantes para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

No próximo capítulo, aprofundaremos nossa análise na teoria da instabilidade de gênero de Butler e sua aplicação à obra *O Conto da Aia*. Ao fazê-lo, estenderemos nosso escopo além dos conceitos de *biopoder* e controle sobre os corpos, explorando como as noções de *identidade de gênero* e suas manifestações são desafiadas e subvertidas dentro do contexto da sociedade de Gilead. Butler nos fornece ferramentas valiosas para compreender as dinâmicas complexas das relações de poder presentes na obra, especialmente no que diz respeito à imposição de

papeis de gênero e à resistência contra essas normas opressivas. Esperamos que esta investigação não apenas esclareça as estruturas de poder em Gilead, mas também destaque a importância da instabilidade e da contestação das categorias de gênero para a emancipação individual e a subversão das estruturas totalitárias. Ao final deste capítulo, almejamos ter contribuído para uma compreensão mais ampla das complexidades das relações de poder, identidade e resistência presentes na obra de Margaret Atwood, e destacar a relevância contínua desses temas em nosso próprio contexto contemporâneo.

Tudo depende do tipo de lentes que você utiliza para ver as coisas.
Jostein Gaarder - (Gaarder, 2012. p.47).

Capítulo 3: Identidade de gênero, Performatividade e Resistência em *O Conto da Aia*

No capítulo anterior, foi realizada a análise de *O Conto da Aia* à luz da teoria de Foucault. Essa análise proporcionou uma compreensão da forma como os conceitos de *biopoder* e *controle dos corpos*, propostos por Foucault, são utilizados na análise da sociedade totalitária de Gilead para sustentar e perpetuar o regime opressivo. Destacou-se a intrincada rede de relações de *poder* e *controle* presentes na obra. A partir dessas reflexões, tornou-se evidente a relevância contínua desses temas em nosso mundo contemporâneo, convidando-nos a uma análise crítica das dinâmicas de *poder* e *controle* em nossa própria sociedade.

Neste ponto, daremos um passo adiante na análise, adentrando na teoria da *Performatividade de gênero* de Butler, conforme exposta em *Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da Identidade*. Nesta obra, a autora desafia os fundamentos conceituais que sustentam os elementos convencionais de identidade de gênero, argumentando que o gênero não é inato, mas sim uma construção socialmente performada, que reitera e perpetua as normas sociais preexistentes. Ao questionar a inflexibilidade da dicotomia de gênero e destacar sua natureza fluída e contingente, Butler nos convoca a repensar não apenas como o gênero é experimentado individualmente, mas também como as estruturas sociais e políticas são configuradas em torno dele. A aplicação desta análise na obra visa trazer mais clareza às complexidades das relações de poder e resistência em *O Conto da Aia*. Na sociedade retratada por Margaret Atwood, as questões de identidade de gênero, performatividade e resistência se entrelaçam em um ambiente sombrio, no qual as normas patriarcais e totalitárias moldam a existência das personagens.

De acordo com a Butler (2003, p. 188):

Entretanto, se os atributos de gênero não são expressivos, mas performativos, então constituem efetivamente a identidade que pretensamente expressariam ou revelariam. A distinção entre expressão e performatividade é crucial. Se os atributos e atos do gênero, as várias maneiras como o corpo mostra ou produz sua significação cultural, são performativos, então não há identidade preexistente pela qual um ato ou atributo possa ser medido; não haveria atos de gênero verdadeiros ou falsos, reais ou distorcidos, e a postulação de uma *identidade de gênero* verdadeira se revelaria uma ficção reguladora. O fato de a realidade do gênero ser criada mediante performances sociais contínuas significa que as próprias noções de sexo essencial e de masculinidade ou feminilidade verdadeiras ou permanentes também são constituídas, como parte da estratégia que oculta o caráter performativo do gênero e as possibilidades performativas de proliferação das configurações de gênero fora das estruturas restritivas da dominação masculinista e da heterossexualidade compulsória. (Butler, 2003, p.188).

Butler aborda a natureza performativa do gênero no trecho acima, contrastando-a com a mera expressão. Ela argumenta que os atributos e comportamentos de gênero não apenas expressam uma identidade preexistente, mas constituem atos que efetivamente a criam. Ao ressaltar essa distinção entre expressão e performatividade, a autora sugere que não existe uma *identidade de gênero* fixa ou verdadeira pela qual os atos ou os atributos possam ser julgados. Em vez disso, a realidade do gênero é constantemente construída e mantida por meio de performances sociais, o que implica que as noções de sexo essencial e *identidades de gênero* verdadeiras são construções mantidas como parte de uma estratégia que obscurece a caracterização performativa do gênero. A filósofa argumenta que reconhecer o caráter performativo do gênero pode abrir espaço para a proliferação de diversas configurações de gênero além das estruturas restritivas da dominação masculina e da heterossexualidade compulsória. Essa análise desafia concepções essencialistas de gênero e destaca a importância de reconhecer e questionar as normas sociais que moldam nossa compreensão de *identidade de gênero*.

As discussões sobre diferenças sexuais têm sido um tema central nos estudos de gênero e nas discussões sobre identidade. Embora o sexo se refira a características biológicas e físicas, como cromossomos, órgãos genitais e hormonais, o gênero é uma construção social que abrange as expectativas, papéis e comportamentos associados a ser homem ou mulher numa determinada cultura. A distinção entre sexo e gênero é fundamental para reconhecer que as características biológicas não determinam necessariamente a *identidade de gênero* de uma pessoa. É importante notar, no entanto, que esta distinção nem sempre é clara e os dois estão relacionados entre si de formas complexas. Embora o sexo biológico possa influenciar alguns aspectos do gênero, como a expressão de gênero, as normas sociais e culturais desempenham um papel importante na formação da *identidade de gênero*.⁶

A filosofia de Judith Butler, na análise aplicada de *O Conto da Aia*, também enfrenta desafios significativos. Embora as teorias de Butler sobre *Performatividade de gênero* e *construção social* ofereçam uma lente poderosa para examinar as questões de identidade e subjugação de gênero, elas podem encontrar limitações na complexidade da obra de Margaret Atwood. A natureza distópica e extremamente hierárquica do mundo retratado no romance desafia algumas das premissas de Butler sobre a liberdade de expressão de gênero e a instabilidade das identidades. Além disso, as formas extremas de controle e coerção presentes na sociedade de *O Conto da Aia* podem obscurecer as nuances das performances de gênero e

⁶ (Oka; Laurenti, 2018, p. 238-251).

das negociações identitárias que Butler destaca em seu escrito. Portanto, embora as ideias de Butler forneçam percepções valiosas, é necessário considerar cuidadosamente como elas se aplicam ao contexto específico do romance.

A partir da leitura de *Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade* de Judith Butler, é possível compreender a Teoria da instabilidade das Identidades como uma abordagem que desafia conceitos tradicionais sobre identidade. Butler argumenta que as identidades não são fixas ou predefinidas, mas sim construções sociais e culturais moldadas por práticas e discursos sociais⁷. Nesse sentido, as *identidades de gênero*, sexualidade e raça são percebidas como performativas, ou seja, criadas e recriadas continuamente em interações sociais. Essa visão contesta ideias essencialistas que consideram a identidade como algo intrínseco e imutável, destacando, ao invés disso, a instabilidade e a contingência das identidades, influenciadas por contextos sociais, históricos e políticos específicos.

No contexto da discussão sobre a heterossexualidade compulsória⁸ Butler oferece uma análise provocativa. Ela descreve como a norma da heterossexualidade é imposta socialmente, relegando outras orientações sexuais à marginalização e estigmatização⁹. Essa imposição é enraizada nas estruturas sociais e culturais, penetrando em instituições, leis e práticas cotidianas. A heterossexualidade compulsória não apenas exclui outras formas de sexualidade, mas também reforça estereótipos de gênero prejudiciais, restringindo a expressão livre da *identidade de gênero* e sexualidade. Ao desafiar essa norma, estamos confrontando não apenas um padrão social, mas também abrindo espaço para a diversidade, inclusão e respeito pelas diferentes experiências e identidades humanas, conforme discutido por Butler em sua obra.

Neste capítulo, exploraremos como a teoria de Judith Butler fornece um arcabouço analítico detalhado para examinar as estratégias de negociação e desafio dos personagens em relação às normas de gênero impostas pelo regime de Gilead. A filósofa americana desafia as concepções tradicionais de gênero ao argumentar que este não é uma característica inata, mas sim uma construção social e cultural. Central para sua teoria está a ideia de *Performatividade*

⁷ (Butler, 2003, p. 21-20).

⁸ (Butler, 2003, p. 8-9).

⁹Neste contexto, podemos entender que há utilização do conceito de "abjeto" por Judith Butler (2003, p.10), baseada no trabalho de Julia Kristeva em *Powers of Horror: An Essay on Abjection* (1982). Kristeva define o "abjeto" como algo que transcende limites, lugares e regras (Kristeva, 1982, p. 4). Para Kristeva, o "abjeto" refere-se a elementos repulsivos e perturbadores que desafiam as fronteiras do eu e da identidade. Estes elementos são aquilo que foi rejeitado, expulso ou excluído da consciência, evocando uma sensação de horror e fascínio simultâneos. Kristeva argumenta que o encontro com o "abjeto" é crucial para a formação do sujeito e para a compreensão das dinâmicas psíquicas e sociais. Ele representa o limiar entre o eu e o outro, desafiando as categorias estabelecidas e provocando reflexões sobre as normas e tabus que moldam a experiência humana.

de gênero, na qual o gênero é constituído por meio de práticas repetitivas e discursivas, em vez de ser uma expressão de uma essência interior.

Ao trazer a teoria de Butler para a análise de *O Conto da Aia*, é possível examinar mais profundamente as dinâmicas de *poder*, *Performatividade de gênero* e *resistência* no texto de Margaret Atwood. Por meio da lente de Butler, torna-se evidente como as personagens do conto negociam e desafiam as normas de gênero impostas pelo regime totalitário de Gilead. Essas normas, ao serem comprovadas à luz da *Performatividade de gênero*, revelam-se não apenas como imposições externas, mas como construções sociais que moldam e restringem a identidade das personagens.

O feminismo é uma lente fundamental para compreender e analisar *O Conto da Aia*, uma vez que a obra de Margaret Atwood mergulha nas profundezas das questões de poder, *identidade de gênero* e resistência. Em Gilead, a sociedade distópica retratada na obra, as mulheres são submetidas a uma opressão extrema, relegadas a papéis estritamente definidos e controladas por um regime patriarcal totalitário. Assim, o conto não apenas expõe as formas extremas de subjugação enfrentadas pelas mulheres, mas também oferece uma crítica contundente às estruturas de poder de gênero que permeiam a sociedade.

A teoria de Judith Butler, especificamente sua concepção de *Performatividade de gênero*, desempenha um papel crucial na análise do conto. Ao destacar a natureza construída e instável das *identidades de gênero*, Butler nos ajuda a entender como as personagens do conto lutam contra a imposição de papéis unidimensionais e buscam formas de resistência dentro das estruturas opressivas de Gilead. Essa perspectiva desafia as concepções tradicionais de *identidade de gênero*, fornecendo um arcabouço teórico para compreender as complexidades das dinâmicas de poder e performatividade presentes na obra.

Portanto, ao analisar *O Conto da Aia* à luz do feminismo e das teorias de Butler, somos confrontados com uma narrativa que transcende a ficção para refletir as realidades complexas e multifacetadas das experiências das mulheres em sociedades patriarcais. Essa abordagem não apenas nos oferece percepções valiosas sobre as formas de resistência e subversão contra as normas de gênero impostas, mas também nos desafia a repensar nossas próprias concepções de identidade e poder dentro de estruturas sociais opressivas.

Dentro do universo distópico de Gilead, a performatividade do gênero emerge como uma ferramenta crucial nas mãos das elites dominantes para consolidar seu poder sobre a população. As normas de comportamento e *identidade de gênero* são impostas de forma autoritária pelo regime, estabelecendo uma posição estratificada que privilegia os homens e

subjuga as mulheres. Essas performances não apenas marginalizam e objetificam as mulheres, mas também reforçam uma doutrina patriarcal que justifica e perpetua o controle masculino sobre todos os aspectos da vida das mulheres. Além disso, as normas de gênero performativas em Gilead não são apenas uma questão de conformidade superficial, mas sim uma ferramenta de controle totalitário sobre o corpo e a mente das pessoas. Ademais, a *Performatividade de gênero* em Gilead não é apenas uma questão de imposição externa, mas também de internalização por parte dos próprios personagens. A vigilância constante e a pressão social para a conformidade moldam profundamente a psique das pessoas, levando-as a internalizar e reproduzir as normas de gênero dominantes.

A teoria da *Performatividade de gênero*, conforme definida por Judith Butler, desafia os conceitos tradicionais de *identidade de gênero* como algo inerente e estático. Butler argumenta que o gênero não é uma característica biológica ou psicológica pré-determinada, mas sim uma construção social e cultural, moldada por meio de atos repetidos e performáticos, assim como a autora deixa claro nas páginas 20-21 do livro *Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade*. Em outras palavras, o gênero não é algo que uma pessoa simplesmente “possui”, mas sim algo que uma pessoa “faz” ou “performa” continuamente por meio de suas ações, gestos, linguagem e comportamentos diários. Segundo Butler, essas performances de gênero não apenas expressam uma identidade preexistente, mas também a constroem e a mantêm ao longo do tempo.

Se o sexo é, ele próprio, uma categoria tomada em seu gênero, não faz sentido definir o gênero como a interpretação cultural do sexo. O gênero não deve ser meramente concebido como a inscrição cultural de significado num sexo previamente dado (uma concepção jurídica); tem de designar também o aparato mesmo de produção mediante o qual os próprios sexos são estabelecidos. Resulta daí que o gênero não está para a cultura como o sexo para a natureza; ele também é o meio discursivo/cultural pelo qual “a natureza sexuada” ou “um sexo natural” é produzido e estabelecido como “pré-discursivo”, anterior à cultura, uma superfície politicamente neutra sobre a qual age a cultura. Essa concepção do “sexo” como radicalmente não construído será novamente objeto de nosso interesse na discussão sobre Lévi Strauss e o estruturalismo, no capítulo 2. Na conjuntura atual, já está claro que colocar a dualidade do sexo num domínio pré-discursivo é uma das maneiras pelas quais a estabilidade interna e a estrutura binária do sexo são eficazmente asseguradas. Essa produção do sexo como pré-discursivo deve ser compreendida como efeito do aparato de construção cultural que designamos por gênero. (Butler, 2003, p. 22).

Neste trecho, Judith Butler examina a relação entre sexo e gênero, colocando em dúvida a ideia de que o gênero seja meramente uma expressão cultural do sexo. Ela argumenta que essa definição simplista não abarca completamente a complexidade da interação entre sexo e gênero. Butler sugere que o gênero não é apenas uma construção cultural em torno de um sexo biologicamente determinado, mas também é o próprio meio pelo qual os sexos são estabelecidos

e produzidos. Isso implica que o gênero não está separado da natureza ou do sexo como uma construção puramente cultural, mas é parte integrante do processo pelo qual os sexos são definidos e mantidos. Butler critica a ideia de que o sexo seja uma categoria pré-discursiva, anterior à cultura, argumentando que essa concepção é uma estratégia para manter a estabilidade e a estrutura binária do sexo. Em vez disso, ela sugere que o sexo é construído discursivamente e culturalmente, e que a noção de sexo como pré-discursivo é um efeito do aparato cultural que chamamos de gênero. Essa análise destaca a interconexão entre sexo e gênero, desafiando noções essencialistas e binárias sobre identidade sexual e de gênero.

Butler enfatiza que a *Performatividade de gênero* é um processo dinâmico e fluido, sujeito à contestação e transformação. Ela argumenta que as normas de gênero são impostas pela sociedade e internalizadas pelos indivíduos por meio de práticas repetidas e rituais sociais. No entanto, Butler também sugere que essas normas podem ser subvertidas e contestadas por meio de alternativas de desempenho que desafiam as expectativas do gênero dominante. Assim, a *Performatividade de gênero* não apenas revela a natureza construída e contingente das *identidades de gênero*, mas também oferece possibilidades de resistência e transformação dentro de sistemas de poder opressivos.

Na passagem feita a cima (Butler, 2003. p.188), Judith Butler investiga a natureza performativa do gênero, contrapondo-o à noção de expressão. Ela sustenta que os traços e comportamentos de gênero não meramente expressam uma identidade já existente, mas são atos que de fato constroem essa identidade. Ao ressaltar essa diferenciação entre expressão e performatividade, a filósofa sugere que não existe uma *identidade de gênero* fixa ou autêntica pela qual os atos ou características possam ser avaliados. Em vez disso, a realidade do gênero é continuamente forjada e mantida por meio de performances sociais, implicando que concepções essenciais de sexo e *identidades de gênero* verdadeiras são construídas e preservadas como parte de uma estratégia que obscurece a natureza performativa do gênero. Butler argumenta que reconhecer o caráter performativo do gênero pode abrir espaço para uma multiplicidade de configurações de gênero além das estruturas limitadoras da dominação masculina e da heterossexualidade compulsória. Essa análise desafia noções essencialistas de gênero e ressalta a importância de reconhecer e questionar as normas sociais que influenciam nossa compreensão da *identidade de gênero*.

Se o gênero são os significados culturais assumidos pelo corpo sexuado, não se pode dizer que ele decorra de um sexo desta ou daquela maneira. Levada a seu limite lógico, a distinção sexo/gênero sugere uma descontinuidade radical entre corpos sexuados e gêneros culturalmente construídos. Supondo por um momento a estabilidade do sexo binário, não decorre daí que a construção de “homens” se aplique exclusivamente a

corpos masculinos, ou que o termo “mulheres” interprete somente corpos femininos. Além disso, mesmo que os sexos pareçam não problematicamente binários em sua morfologia e constituição (ao que será questionado), não há razão para supor que os gêneros também devam permanecer em número de dois. (Butler, 2003, p. 21).

Neste trecho, a autora examina a distinção entre sexo e gênero, contestando a visão de que o gênero seja meramente uma expressão direta do sexo biológico. Ela argumenta que os significados culturais atribuídos aos corpos sexuados são construções sociais que não derivam automaticamente das características biológicas. Ao enfatizar essa desconexão entre sexo e gênero, Butler desafia a concepção de que as *identidades de gênero* estejam rigidamente ligadas aos corpos sexuados, sugerindo que a construção de "homens" e "mulheres" não se restrinja unicamente a corpos masculinos e femininos, respectivamente. Além disso, ela questiona a suposição de que os gêneros devam seguir uma estrutura binária, defendendo que não há motivo para limitar as *identidades de gênero* a apenas duas, abrindo espaço para uma concepção mais ampla e instável das diversas formas de expressão de gênero.

Dentro do contexto de Gilead, a análise das experiências de gênero não pode ser confinada apenas à dicotomia entre homens e mulheres. Apesar de o regime totalitário impor uma divisão rígida baseada no sexo biológico, é crucial reconhecer que a *Performatividade de gênero* e as *identidades de gênero* podem ser muito mais complexas e diversas do que sugere essa estrutura binária. Ademais, é fundamental compreender que as vivências de gênero em Gilead não são uniformes e podem ser influenciadas por diversos outros fatores, como classe social, raça e orientação sexual. Por exemplo, as mulheres pertencentes às classes mais privilegiadas podem enfrentar pressões e expectativas distintas em relação ao gênero comparadas àquelas das classes menos favorecidas.

Essa compreensão mais abrangente das experiências de gênero em Gilead nos permite não apenas questionar as normas de gênero impostas pelo regime totalitário, mas também reconhecer a diversidade e a complexidade das *identidades de gênero* presentes dentro da sociedade distópica. Embora a *identidade de gênero* seja delineada de forma clara e restritiva, com as mulheres relegadas a papéis de submissão e reprodução, enquanto os homens detêm o poder e controle, mesmo sob essas condições opressivas, as personagens encontram maneiras de resistir à categorização e reivindicar sua agência individual.

Esses atos, gestos e atuações, entendidos em termos gerais, são performativos, no sentido de que a essência ou identidade que por outro lado pretendem expressar são fabricações manufaturadas e sustentadas por signos corpóreos e outros meios discursivos. O fato de o corpo gênero ser marcado pelo performativo sugere que ele não tem status ontológico separado dos vários atos que constituem sua realidade. (Butler, 2003, p.182).

Neste trecho, fica evidente que as ações, gestos e comportamentos de uma pessoa são performativos, o que significa que não apenas expressam uma essência preexistente, mas também contribuem para a construção dessa essência. Por exemplo, a *identidade de gênero* não é vista como algo separado ontologicamente do corpo, mas sim como algo moldado e consolidado por meio de sinais corporais e outros discursos. Isso sugere que a *identidade de gênero* não é fixa, mas sim uma construção instável influenciada por uma variedade de fatores performativos.

Dessa forma, ao explorar a natureza performativa das identidades e dos papéis de gênero, isso ecoa fortemente com a atmosfera distópica e opressiva do conto. Em um mundo onde as mulheres são rigidamente definidas em papéis sociais específicos, como *Aia*, *Marthas* e *Esposas*, a identidade é moldada não apenas por características individuais, mas também por performances e rituais que reforçam esses papéis atribuídos. A imposição dessas performances não apenas submete as mulheres a uma estrutura de poder opressiva, mas também questiona a suposta fixação das *identidades de gênero*, indicando que estas são construções sociais moldadas por atos repetidos e rituais sociais. Assim, tanto o trecho quanto o conto exploram a ideia de que as *identidades de gênero* não são inatas, mas sim construções sociais sustentadas por signos corporais e performances, ecoando as dinâmicas de controle e poder presentes na sociedade retratada por Margaret Atwood.

Ao analisar como os personagens de *O Conto da Aia* enfrentam suas identidades dentro das restrições impostas pelo regime de Gilead, é evidente sua luta contra a imposição de papéis unidimensionais e sua busca por formas de resistência dentro das estruturas que buscam oprimi-las. Ao empregar a teoria de Butler, também elucidamos as complexas dinâmicas de poder, performatividade e resistência que permeiam o mundo distópico de Gilead, fornecendo percepções valiosas sobre as possibilidades de resistência mesmo nos contextos mais adversos.

Uma análise das dinâmicas de poder, *Performatividade de gênero* e resistência na sociedade distópica do conto revela um intrincado jogo de negociação e confronto entre os personagens e o regime totalitário de Gilead. Diante das restrições impostas sobre suas identidades e papéis sociais, os personagens enfrentam uma luta constante pela preservação de sua individualidade e dignidade. Nesse contexto, a teoria de Judith Butler surge como uma ferramenta analítica crucial, oferecendo uma compreensão mais profunda das estratégias de resistência adotadas pelos personagens. Ao examinar como suas performances de gênero são moldadas e contestadas dentro das estruturas opressivas de Gilead, somos levados a refletir sobre a natureza instável e construída das *identidades de gênero*, assim como sobre as

possibilidades de resistência e transformação mesmo em cenários mais adversos. Através dessa análise, é possível desvelar as complexas interações entre poder, subjugação e agência, destacando a resiliência e a coragem dos personagens diante das injustiças e opressões impostas pelo regime totalitário.

Pode ser que o problema seja ainda mais sério. Seria a construção da categoria das mulheres como sujeito coerente e estável uma regulação e reificação inconsciente das relações de gênero? E não seria essa reificação precisamente o contrário dos objetivos feministas? Em que medida a categoria das mulheres só alcança estabilidade e coerência no contexto da matriz heterossexual? Se a noção estável de gênero dá mostras de não mais servir como premissa básica da política feminista, talvez um novo tipo de política feminista seja agora desejável para contestar as próprias reificações do gênero e da identidade — isto é, uma política feminista que tome a construção variável da identidade como um pré-requisito metodológico e normativo, senão como um objetivo político. (Butler, 2003, p.20).

Este trecho suscita reflexões profundas sobre a construção das categorias de gênero dentro do contexto do feminismo. Ele aponta que a concepção das mulheres como um grupo coeso e estável pode, na verdade, fortalecer estruturas de poder e limitar a diversidade de experiências e identidades dentro desse grupo. Além disso, ao abordar a estabilidade da categoria "mulheres" dentro da matriz heterossexual, destaca como as normas sociais influenciam a construção das *identidades de gênero*. Ao sugerir que uma abordagem mais instável e dinâmica pode ser necessária para uma política feminista eficaz, reconhecendo a variabilidade da *identidade de gênero* como um pré-requisito para a ação política, o texto convida à reflexão sobre como o feminismo pode se adaptar às mudanças nas concepções de gênero e continuar lutando pela justiça e igualdade, desafiando as reificações do gênero e da identidade.

Há uma conexão significativa entre essa citação e o conto de Margaret Atwood ao questionar a construção das categorias de gênero e sua relação com a opressão das mulheres. Assim como no mundo distópico de Gilead, onde as mulheres são rigidamente classificadas em papéis como *Aia*, *Marthas* e *Esposas*, o texto sugere que a concepção estável e coerente das mulheres como um grupo pode reforçar as relações de gênero, limitando a diversidade de experiências e identidades dentro desse grupo. Além disso, ao abordar a estabilidade da categoria das mulheres dentro da matriz heterossexual, o texto evoca a maneira como a identidade e a função das mulheres são definidas em relação aos homens e à reprodução, refletindo as dinâmicas de poder e controle presentes no regime de Gilead. Da mesma forma, assim como as personagens do conto são desafiadas a encontrar novas formas de resistência contra a opressão do regime, o texto sugere que o feminismo também pode precisar adotar uma abordagem aberta para enfrentar as reificações do gênero e da identidade, reconhecendo a

construção variável da *identidade de gênero* como um pré-requisito para a ação política. Em suma, tanto o trecho destacado acima quanto o conto exploram a complexidade das relações de gênero e a necessidade de desafiar as estruturas de poder que as sustentam.

Um aspecto intrigante que surge da análise de *O Conto da Aia* é a ausência do conceito de "mulher" como uma identidade distinta e autônoma dentro do universo ficcional de Gilead. Embora as personagens femininas desempenhem papéis centrais na narrativa e suas experiências sejam profundamente moldadas pelas normas de gênero impostas pelo regime totalitário, a própria noção de "mulher" como uma categoria social reconhecível parece estar ausente. Em vez disso, as mulheres são definidas e valorizadas principalmente em relação às funções que desempenham na sociedade, como as *Aias*, *Esposas*, *Marthas*, entre outras. Essa falta de uma identidade coletiva e unificada para as mulheres dentro do texto levanta questões sobre a natureza fragmentada e instrumentalizada da feminilidade em Gilead, bem como sobre o impacto de tal fragmentação na resistência e busca pela autonomia das personagens femininas. Assim, ao explorar essa lacuna na representação da identidade feminina no conto, somos levados a questionar não apenas as normas de gênero impostas pelo regime, mas também a própria construção da identidade feminina dentro do contexto distópico apresentado pela obra.

Uma análise da ausência do conceito de "mulher" no conto à luz da teoria de Judith Butler sobre *Performatividade de gênero* revela percepções fascinantes sobre como a identidade é construída e subvertida dentro do contexto distópico de Gilead. Butler argumenta que o gênero não é uma característica inata, mas sim uma performance repetitiva e socialmente construída, sujeita a constante contestação e reconfiguração. Dentro de Gilead, onde as normas de gênero são rigidamente impostas e as mulheres são categorizadas e controladas de acordo com sua função reprodutiva, a ausência do conceito de "mulher" como uma identidade ainda unificada sugere uma fragmentação mais profunda da feminilidade. Nesse sentido, as mulheres são reduzidas a papéis prescritos e desprovidas de uma identidade coletiva além de sua utilidade para o regime patriarcal. Essa fragmentação da identidade feminina torna-se uma ferramenta de controle e opressão, pois impede a solidariedade entre as mulheres e a formação de uma resistência coletiva contra as estruturas de poder dominantes.

Não basta inquirir como as mulheres podem se fazer representar mais plenamente na linguagem e na política. A crítica feminista também deve compreender como a categoria das "mulheres", o sujeito do feminismo, é produzida e reprimida pelas mesmas estruturas de poder por intermédio das quais se busca a emancipação. Certamente, a questão das mulheres como sujeito do feminismo suscita a possibilidade de não haver um sujeito que se situe "perante" a lei, à espera de representação na lei ou pela lei. Talvez o sujeito, bem como a evocação de um "antes" temporal, sejam constituídos pela lei como fundamento fictício de sua própria reivindicação de legitimidade. (Butler, 2003, p.16).

A citação de Judith Butler destaca a necessidade de uma crítica feminista que não se limite à busca por maior representação das mulheres na linguagem e na política, mas que também compreenda como a própria categoria de "mulheres" é construída e reprimida pelas estruturas de poder que o feminismo busca desafiar. Ela argumenta que as estruturas de poder não apenas marginalizam as mulheres, mas também desempenham um papel ativo na construção do conceito de "mulher" como sujeito do feminismo, levantando dúvidas sobre a existência de um sujeito perante a lei e sugerindo que a ideia de um tempo "antes" da lei é uma ficção usada para legitimar as próprias reivindicações de autoridade e poder da lei. Essa análise aponta para a importância de questionar mais profundamente não apenas as formas de representação, mas também as bases nas quais essas representações são construídas e mantidas pelo poder.

Além disso, a ausência do conceito de “mulher” como uma identidade estável desafia as bases próprias do patriarcado, que depende da categorização binária e hierárquica dos gêneros para manter o controle sobre as mulheres. Ao negar a existência de uma identidade “mulher” estável e universal, *O Conto da Aia* expõe a arbitrariedade e a artificialidade das normas de gênero impostas por Gilead. Isso sugere que a resistência à opressão de gênero pode começar a desafiar não apenas as normas específicas impostas pelo regime, mas também questionar os próprios fundamentos conceituais dessas normas. Portanto, ao analisar a ausência do conceito de "mulher" à luz da teoria de Butler, somos instigados a pensar não apenas as dinâmicas de poder no conto, mas também a própria natureza da *identidade de gênero* e as possibilidades de resistência dentro de um contexto opressivo.

Na sociedade de Gilead, a linguagem desempenha um papel crucial na perpetuação e contestação das normas de gênero impostas pelo regime totalitário. Margaret Atwood utiliza uma narrativa ricamente simbólica, na qual a linguagem é empregada como uma ferramenta de controle e resistência, revelando as complexidades das relações de poder e identidade dentro da sociedade distópica. A linguagem é frequentemente manipulada pelo regime de Gilead para fortalecer as normas de gênero prescritas e manter o controle sobre as pessoas. Por exemplo, termos como “Aia”, “Esposa” e “Martha” não apenas descrevem os papéis sociais das mulheres, mas também as subjugam a uma identidade unidimensional que as define exclusivamente por sua função reprodutiva ou doméstica. Essa linguagem de categorização reforça as normas de gênero impostas pelo regime, limitando as possibilidades de expressão e autonomia para as personagens femininas.

Eu inclino minha cabeça e fecho os olhos. Ouço a respiração suspensa, os arquejos e ahs! contidos, quase inaudíveis, o tremor que acontece atrás de minhas costas. Como ela deve me odiar, penso. Rezo silenciosamente: “Nolite te bastardes carborundorum”. Não sei o que significa, mas me soa correto, apropriado, e terá que servir, porque não sei mais o que dizer a Deus. Não agora. Não como se costumava dizer, nesta conjuntura. (Atwood,

Na cena descrita, a protagonista, Offred, encontra-se em um momento de profunda vulnerabilidade e desamparo. Diante da opressão e da incerteza sobre seu destino, ela recorre a uma expressão em latim, “Nolite te bastardes carborundorum¹⁰”, como uma espécie de refúgio emocional. Mesmo sem compreender completamente seu significado, essa frase assume um papel poderoso em sua mente, representando uma resistência interior contra a tirania e a desumanidade que a cercam. É um lembrete de que, apesar das estatísticas solicitadas, ela ainda mantém um fio de dignidade e vontade de lutar contra aqueles que tentam esmagá-la. Essa simples frase em latim torna-se um símbolo de sua resistência e determinação em não permitir que os opressores destruam completamente.

No entanto, apesar dos esforços do regime para controlar a linguagem e as *identidades de gênero* das pessoas, também há momentos de subversão linguística que desafiam as normas condicionais. Por exemplo, o uso de termos como “Nolite te bastardes carborundorum” por parte de Offred e outras *Aia* representa um ato de resistência linguística, em que a linguagem é abordada e transformada em uma ferramenta de empoderamento e solidariedade. Esses atos de subversão linguística não apenas desafiam as normas de gênero impostas pelo regime, mas também criam um espaço de resistência no qual as vozes dos personagens podem ser ouvidas e valorizadas.

Além disso, a linguagem assume um papel significativo como forma de expressão e identidade no contexto distópico de Gilead. Um exemplo disso é como as memórias e reflexões internas de Offred são narradas em uma linguagem poética e introspectiva, possibilitando que ela explore e articule sua própria compreensão de si mesma e do mundo ao seu redor. Essa linguagem pessoal e subjetiva desafia a objetificação das mulheres dentro do regime, permitindo-lhes reivindicar sua humanidade e individualidade em meio à opressão.

Portanto, ao examinar o papel da linguagem em *O Conto da Aia*, torna-se evidente que ela desempenha um papel central na construção e subversão das normas de gênero dentro da sociedade de Gilead. Desde a manipulação da linguagem pelo regime para reforçar o controle sobre as *identidades de gênero* das pessoas até os atos de resistência linguística que desafiam

¹⁰ Essa citação importante do livro *O Conto da Aia* (2017) expressa a ideia de “Não permita que os bastardos reduzam você a cinzas”.

ativamente essas normas, a linguagem emerge como uma arena crucial em que as batalhas pela autonomia e liberdade são travadas.

Quando eu sair daqui, se algum dia conseguir registrar isso, de qualquer modo, mesmo sob a forma de uma voz para outra, será uma reconstrução também, em um grau ainda mais distante. É impossível dizer alguma coisa exatamente da maneira como foi, porque o que você diz nunca pode ser exato, você sempre tem de deixar alguma coisa de fora, existem partes, lados, correntes contrárias e nuances demais; gestos demais, que poderiam significar isto ou aquilo, formas demais que nunca podem ser plenamente descritas, sabores demais, no ar ou na língua, semitonalidades, quase cores, demais. Se acontecer de você ser homem, em qualquer tempo no futuro, e tiver chegado até aqui, por favor lembre-se: você nunca será submetido à tentação de sentir que tem de perdoar um homem, como uma mulher. É difícil de resistir, creia-me. Mas lembre-se de que o perdão também é um poder. Suplicar por ele é um poder, e recusá-lo ou concedê-lo é um poder, talvez de todos o maior. (Atwood, 2017, p. 127).

Neste segmento, a narradora pondera sobre a complexidade da memória e da linguagem, reconhecendo a dificuldade em captar plenamente as nuances de uma experiência passada. Ela destaca a inevitabilidade da confiança e interpretação ao relatar eventos, ressaltando que a comunicação sempre envolve a seleção e a omissão de detalhes. Além disso, a narradora oferece um conselho aos homens que podem encontrar sua história no futuro, alertando sobre a tentativa de desculpar os atos de opressão contra as mulheres. Ela salienta que o perdão é um poder, tanto para quem o solicita quanto para quem o concede ou recusa, destacando a importância da consideração e da resistência às dinâmicas desiguais de gênero que podem influenciar as interações humanas.

Ao examinarmos *O Conto da Aia* à luz do livro *Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade*, de Judith Butler, adentráramos em uma compreensão mais profunda das dinâmicas de poder e identidade que permeiam a sociedade distópica de Gilead. Butler desafia a concepção tradicional de gênero como uma categoria estável e inata, argumentando que é uma construção social e performática. Em Gilead, essa construção é evidenciada pela rigidez das categorias de gênero impostas pelo regime totalitário, onde as mulheres são confinadas a papéis predeterminados. Essa categorização não apenas reflete a imposição de normas sociais, mas também serve como uma ferramenta de controle, restringindo a expressão da identidade individual e consolidando o domínio patriarcal.

Ao analisarmos as personagens, nos deparamos com Ofglen, que desempenha um papel multifacetado e intrigante. Primeiramente, ela parece ser uma aliada confiável para Offred, compartilhando informações sobre a resistência clandestina contra o regime opressivo de Gilead. No entanto, à medida que a história avança, percebemos que Ofglen está profundamente comprometida com a causa da resistência, até o ponto de sacrificar sua própria segurança e liberdade. Sua complexidade é ainda mais evidente quando descobrimos que Ofglen é apenas

um nome temporário, uma identidade que muda conforme cada *Aia* é substituída, revelando a profundidade do controle e da manipulação exercidos pelo regime.

Além disso, a relação entre Offred e Ofglen serve como um estudo de confiança e desconfiança em um ambiente totalitário. Offred é constantemente confrontada com o dilema de até que ponto pode confiar em Ofglen, considerando a constante vigilância e a possibilidade de traição. Essa dinâmica complexa destaca a natureza instável das relações interpessoais sob um regime autoritário, no qual a lealdade pode ser uma questão de sobrevivência e o medo permeia todas as interações.

A sexualidade de Ofglen em *O Conto da Aia* é complexa e intrinsecamente ligada ao contexto opressivo de Gilead. Como todas as *Aias*, Ofglen é reduzida a um mero instrumento de reprodução, obrigada a participar de cerimônias sexuais ritualizadas com os Comandantes. No entanto, sua sexualidade vai além das imposições do regime, revelando-se como uma forma de resistência silenciosa e até mesmo perigosa. Ofglen utiliza sua posição para obter informações sobre a resistência e para estabelecer conexões secretas, mostrando que sua sexualidade é também uma ferramenta de subversão contra a opressão. Ao mesmo tempo, sua orientação sexual lésbica é uma fonte adicional de vulnerabilidade em um ambiente onde a homossexualidade é severamente punida. A sexualidade de Ofglen é, portanto, um aspecto crucial de sua identidade e uma forma de desafiar as normas restritivas impostas pelo regime totalitário.

A análise de Butler nos permite enxergar as brechas para a resistência dentro do sistema opressivo de Gilead. As personagens femininas, apesar de sua posição subjugada, encontram maneiras de desafiar ativamente as normas de gênero. Seja por meio de pequenos atos de desobediência ou estratégias mais elaboradas de resistência, como a troca de informações proibidas, elas demonstram uma agência que desafia as restrições impostas pelo patriarcado. Essas formas de resistência não apenas questionam as normas de gênero estabelecidas, mas também abrem espaço para uma reflexão mais profunda sobre a natureza instável e contestável das *identidades de gênero*. Assim, ao explorar *O Conto da Aia* à luz das teorias de Butler, somos confrontados com a complexidade das relações de poder e as possibilidades de transformação e resistência mesmo nos contextos extremos.

Espero na esquina por Ofglen. Ela está atrasada. Finalmente a vejo ao longe, uma forma vermelha e branca de pano, como uma pipa, caminhando naquele passo sereno e constante que aprendemos a manter. Vejo-a e não percebo nada de início. Então, à medida que se aproxima, tenho a impressão de que deve haver alguma coisa errada com ela. Sua aparência está errada. Está alterada de alguma maneira indefinível; não está ferida, não está mancando. É como se tivesse encolhido. Então, quando está ainda

mais perto vejo o que é. Ela não é Ofglen. É dá mesma altura, mas mais magra, e a pele de seu rosto tem a cor bege e não rosada. Chega junto de mim, para.
— Bendito seja o fruto — diz ela para mim. Impassível. Severa, austera.
— Que possa o Senhor abrir — respondo. Tento não demonstrar surpresa.
— Você deve ser Offred — diz ela. Digo que sim, e começamos nossa caminhada.

E agora, penso. Minha cabeça está fervilhando, isso não é uma boa notícia, que terá acontecido com ela, como faço para descobrir sem demonstrar demasiado interesse? Não devemos criar laços de amizade, lealdades, umas com as outras. Tento me lembrar de quanto ainda falta para Ofglen cumprir seu tempo de serviço no posto atual. (Atwood, 2017, p. 262).

A passagem retrata um momento de tensão e desconforto para Offred, a protagonista do conto, enquanto ela aguarda Ofglen, sua companheira e suposta aliada na resistência contra o regime de Gilead. Inicialmente, Offred descreve Ofglen como uma figura familiar, mas logo percebe algo incomum em sua aparência à medida que ela se aproxima. A mudança física de Ofglen, claramente visível à medida que ela se aproxima, é um sinal de alerta para Offred, que percebe que algo está profundamente errado. A tensão aumenta quando Offred percebe que a mulher que se aproxima não é a mesma Ofglen que ela conhecia, mas sim outra pessoa em seu lugar. Essa troca imprevista e suas consequências desconhecidas intensificam a atmosfera de desconfiança e incerteza que permeia a narrativa, destacando os perigos e desafios enfrentados pelas personagens em um mundo onde a confiança é uma mercadoria rara e preciosa.

A personagem de Ofglen no conto pode ser relacionada à teoria de Judith Butler, especialmente em sua abordagem sobre *identidade de gênero* e performatividade. Ofglen, ao assumir diferentes identidades conforme cada *Aia* é substituída, exemplifica essa ideia de *Performatividade de gênero*. Sua identidade, incluindo seu nome temporário, é moldada pela estrutura opressiva de Gilead, onde as mulheres são categorizadas e subjugadas de acordo com sua função reprodutiva. A necessidade de Ofglen de adaptar sua identidade para se adequar às exigências do regime evidencia a instabilidade e a artificialidade das normas de gênero impostas pela sociedade.

Além disso, a sexualidade de Ofglen também pode ser analisada à luz das teorias de Butler sobre poder e subversão. Butler discute como os corpos são regulados e disciplinados pelo poder dominante, mas também como podem ser exemplos de resistência e contestação. Ofglen, ao usar sua sexualidade como uma forma de resistência silenciosa contra o regime de Gilead, exemplifica essa dinâmica. Apesar das restrições impostas pelo regime, ela encontra maneiras de subverter as normas sexuais e estabelecer conexões clandestinas, demonstrando a capacidade dos corpos de resistir e desafiar as estruturas de poder. A trajetória de Ofglen ilustra, assim, a interseção complexa entre identidade, poder e resistência, temas centrais na obra de Judith Butler.

Em suma, a análise de *O Conto da Aia* à luz do livro *Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade* de Judith Butler nos permitem vislumbrar as profundas interações entre gênero, poder e resistência em um contexto distópico. Ao examinarmos como as personagens femininas de Gilead negociam suas identidades dentro das restrições impostas pelo regime patriarcal, somos confrontados com a complexidade das dinâmicas de *Performatividade de gênero* e as formas criativas de desafio às normas condicionais. Ao encerrar este capítulo, podemos afirmar que a análise do conto à luz das teorias de Judith Butler proporciona percepções valiosas sobre as intrincadas interações entre gênero, poder e resistência. Essa abordagem nos instiga a reavaliar nossas concepções de *identidade de gênero* e a contemplar as diversas maneiras pelas quais as pessoas podem se envolver em atos de resistência e subversão dentro de contextos opressivos. Ao considerar todas as partes que discutem as teorias de Butler, podemos concluir que sua abordagem nos convida a repensar nossas noções preconcebidas de *identidade de gênero* e a reconhecer as múltiplas formas de resistência e subversão que podem surgir em contextos opressivos. Ao fazê-lo, somos desafiados a ampliar nossa compreensão das dinâmicas de poder e a buscar formas mais inclusivas e emancipatórias de conceber e praticar a igualdade de gênero.

A vida é uns deveres que nós trouxemos para fazer em casa.

Quando se vê, já são 6 horas: há tempo...

Quando se vê, já é 6ª-feira...

Quando se vê, passaram 60 anos!

Agora, é tarde demais para ser reprovado...

E se me dessem – um dia – uma outra oportunidade,

eu nem olhava o relógio

seguia sempre em frente...

E iria jogando pelo caminho a casca dourada e inútil das horas.

Mário Quintana – O tempo (1980).

Considerações finais

Ao longo deste trabalho, analisamos profundamente o romance *O Conto da Aia* de Margaret Atwood à luz das teorias filosóficas de Michel Foucault e Judith Butler. Nossa investigação nos permitiu mergulhar nas complexidades das relações de poder, controle, *identidade de gênero* e resistência presentes na obra, destacando como esses elementos refletem não apenas o contexto distópico de Gilead, mas também aspectos relevantes de nossa própria sociedade contemporânea. Ao aplicar as lentes teóricas de Foucault e Butler, fomos capazes de desvelar nuances e sutilezas nas formas de opressão e resistência que ecoam em nossa realidade, mesmo em um regime de governo não totalitário.

Quanto à compreensão das dinâmicas de poder, *identidade de gênero* e controle social, percebemos a profundidade das relações de poder presentes na sociedade distópica de Gilead. O *biopoder*, conforme delineado por Foucault, é empregado de forma incisiva pelo Estado para regular não apenas os corpos, mas também as vidas dos indivíduos, refletindo uma governança disciplinar que busca manter a autoridade e subjugar a população.

Através das lentes teóricas de Butler, pudemos desvendar as construções sociais e performativas de gênero presentes na obra. As normas de gênero impostas pelo regime totalitário são desafiadas pelas personagens femininas, revelando a instabilidade e contestabilidade das *identidades de gênero*, e abrindo caminho para uma reflexão mais ampla sobre a natureza das estruturas de poder e resistência.

Em última análise, este trabalho não apenas oferece uma análise aprofundada de *O Conto da Aia*, mas também fomenta uma reflexão crítica sobre as questões de liberdade, justiça e resistência em nossas próprias realidades. Ao examinarmos a distopia de Gilead sob as perspectivas de Foucault e Butler, somos instigados a buscar formas de resistência e transformação diante do controle, e a lutar por sociedades mais justas e igualitárias.

É evidente que as análises propostas neste trabalho não se limitam ao universo ficcional de *Conto da Aia*, mas têm o propósito de incitar uma reflexão crítica sobre as dinâmicas sociais e políticas presentes em nossa própria sociedade. Ao examinar como as personagens femininas resistem às normas patriarcais impostas pelo regime de Gilead, podemos enxergar paralelos com as lutas das mulheres em nossa sociedade por igualdade de direitos, autonomia e dignidade. As teorias de Michel Foucault e Judith Butler servem não apenas como ferramentas analíticas, mas como instrumentos para a compreensão mais profunda das estruturas de poder e das formas de resistência que moldam nossa realidade social.

Além disso, ao traçarmos paralelos entre os eventos e dinâmicas retratados em *Conto da Aia* e nossa própria sociedade contemporânea, somos confrontados com reflexões pertinentes sobre a fragilidade dos direitos humanos, a persistência de sistemas de opressão baseados em gênero e a constante necessidade de vigilância e resistência contra tendências autoritárias. A obra de Atwood nos lembra que, mesmo em democracias aparentemente estáveis, devemos permanecer vigilantes contra qualquer forma de poder que busque restringir nossas liberdades individuais e coletivas, e que a luta por justiça e igualdade de gênero é uma batalha contínua e vital para o avanço de uma sociedade verdadeiramente inclusiva e democrática.

Portanto, ao concluirmos este trabalho, reafirmamos a importância de continuar explorando e questionando as relações de gênero, poder e controle em nossa sociedade contemporânea, bem como de reconhecer e valorizar as formas de resistência que desafiam essas estruturas opressivas. *O Conto da Aia* (2017) nos convida não apenas a contemplar um mundo distópico, mas a olhar criticamente para nosso próprio mundo, buscando inspiração nas narrativas de resistência para promover uma sociedade mais justa, igualitária e livre.

Referências

ATWOOD, Margaret Eleanor. *O Conto da Aia*. Tradução de Ana Deiró. Rio de Janeiro: Rocco, 2017.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: A Vontade de saber*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1976.

GAARDER, Jostein *O mundo de Sofia : romance da história da filosofia / Jostein Gaarder: tradução do norueguês Leonardo Pinto Silva. — 1ª- ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2012.*

KRISTEVA, Julia. *Powers of Horror. An essay on abjection*. Nova Iorque: Editora Columbia University Press, 1982

OKA, Mateus; LAURENTI, Carolina. *Entre sexo e gênero: um estudo bibliográfico-exploratório das ciências da saúde*. “Saúde e Sociedade”, v. 27, n. 1, p. 238-251, jan. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s0104-12902018170524>. Acesso em: 12 mar. 2024.

VINEYARD, Jennifer. Margaret Atwood comenta as reais do livro e série ‘O Conto da Aia’. Folha de São Paulo, São Paulo, 19 jun. 2017. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2024/03/margaret-atwood-analisa-autores-e-rechaca-dever-da-literatura-em-ensaios.shtml>. Acesso em: 24 abr. 2024.

THE HANDMAID ‘S TALE. Direção: Bruce Miller. Hulu: Hulu, 2017. Disponível em: Star+. Acesso em: 14 fev. 2024.